

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
ANIMAÇÃO DA LEITURA

*Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e
a Família*
- Um projecto de intervenção

Trabalho de projecto apresentado à
Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências da Educação
Especialização em Animação da Leitura

Por **Maria Manuela de Matos Alves de Sá dos Santos**
Sob Orientação da **Professora Doutora Manuela Barreto Nunes**

Setembro de 2010



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE
PAULA FRASSINETTI

LEITURA PARTILHADA ENTRE O JARDIM DE INFÂNCIA E A FAMÍLIA

Um projecto de intervenção

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: área de especialização em Animação da Leitura realizado sob a orientação científica de Professora Doutora Manuela Barreto Nunes.

Maria Manuela de Matos Alves de Sá dos Santos

Porto

2010



Aos meus filhos e a todos aqueles que, um dia, encontraram um livro e
descobriram o prazer de ler.

RESUMO

Vivemos numa sociedade em que, diariamente, somos confrontados com o código escrito, num apelo constante à leitura e à decifração; paralelamente, as tecnologias assumiram um papel preponderante, desafiando-nos constantemente e levando-nos a desenvolver novas competências e literacias.

O desinteresse dos jovens pela leitura, associado aos fracos resultados dos alunos portugueses em testes de literacia, remetem-nos para uma reflexão profunda pois, se pretendemos formar jovens autónomos, responsáveis e interventivos, capazes de construir conhecimento através da interacção e partilha, devemos ajudá-los a desenvolver meios de aceder à informação e transformá-la em conhecimento, e isto passa obrigatoriamente pela leitura.

Assim, atendendo a que a criança é um ser social, integrada em diferentes contextos que contribuem para a sua formação, entendemos que o Jardim de Infância (complementado pela biblioteca escolar), a família e a sociedade em geral devem desenvolver esforços concertados, na promoção de hábitos de leitura e na formação de leitores competentes.

Neste projecto – *Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família* - pretendemos envolver os pais em actividades de promoção da leitura, em articulação com o Jardim de Infância, objectivando-se a melhoria dos níveis de literacia, porque acreditamos que é de pequenina que a criança deve ser incentivada à leitura e a participar na aventura da descoberta do prazer de ler.

Para a sua concretização, realizámos uma investigação sobre hábitos de leitura das famílias e crianças de um grupo de Jardim de Infância, e implementámos diversas actividades de promoção de leitura com o objectivo de, entre outros, criar hábitos de leitura familiar e formar leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Literacia, Hábitos de leitura, Formação de leitores, Família, Jardim de Infância, Biblioteca Escolar

ABSTRACT

We live in a society in which we're daily faced with the written code, in a constant plea to reading and decoding; technologies have also take on a prevailing role, always challenging us and making us develop new skills and literacies.

The young people's lack of interest in reading, associated with the Portuguese students' poor results in literacy tests, refers us to a deep reflection because, if we plan to educate independent, responsible and participant young, capable of building knowledge through interaction and sharing, we must help them develop resources to access the information and turn it into knowledge, and this is mandatorily allied to reading.

So, given that the child is social being, incorporated in various contexts that contribute to its education, we think that the kindergarten (supplemented with the school library), the family and society in general should make a combined effort to promote reading habits and educate qualified readers.

In this project – *Shared Reading between the Kindergarten and the Family*, we plan to involve the parents in reading promoting activities, in concurrence with the kindergarten in order to improve the literacy levels, as we believe that the child should be encouraged to read and participate in the adventure of discovering the pleasure of reading, from an early age.

To materialize the project, we've investigated the families and the kindergarten children's reading habits and executed an assortment of reading promotion activities, with the purpose of, among others, create family reading habits and educate skilled readers.

KEYWORDS: Reading, Literacy, Reading habits, Reader's education, Family, Kindergarten, School library

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar queria agradecer à Professora Doutora Manuela Barreto Nunes, todo o estímulo que me deu ao longo deste longo percurso formativo, a confiança que depositou na minha capacidade para concretizar este projecto, a disponibilidade e interesse que manifestou e o esforço de me facultar uma orientação coesa e estruturada.

Queria também agradecer à Professora Doutora Cecília Santos que, apesar de não ser orientadora directa deste projecto, orientou a parte metodológica, todo o apoio que me deu e a disponibilidade e interesse manifestados por este trabalho.

Gostaria ainda de agradecer à direcção do Agrupamento que permitiu a realização deste projecto, disponibilizando os recursos para que ele fosse uma realidade, bem como a toda a comunidade educativa que acabou por ser envolvida, toda a confiança que depositaram em mim.

Um agradecimento muito especial para as famílias e crianças do grupo do Jardim de Infância onde se desenvolveu o projecto, pela sua participação, envolvimento e entusiasmo que permitiu a sua concretização e o seu sucesso.

Por último, um agradecimento, não menos importante, à minha família, amigos, colegas e professores, pelo apoio e compreensão manifestados ao longo desta caminhada, por vezes difícil e tortuosa, mas mesmo assim profícua e enriquecedora.

LISTA DE ABREVIATURAS

BE – Biblioteca Escolar

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PISA – Project for International Assessment

PNL – Plano Nacional de Leitura

UNESCO – United Nations Educational and Cultural Organization

SUMÁRIO

1. Introdução	1
2. Designação do Projecto	5
3. Fundamentação	6
3.1. Família.....	9
3.2. Jardim de Infância.....	12
3.3. Biblioteca Escolar.....	15
4. Destinatários e contexto de aplicação	19
4.1. Destinatários.....	19
4.1.1. Caracterização do Grupo de Crianças.....	19
4.2. Contexto de aplicação.....	20
4.2.1. Caracterização Geográfica do Contexto Escolar	20
4.2.2. Caracterização Genérica do Contexto Escolar	21
4.2.3. Caracterização da EB1/JI	21
5. Objectivos do Projecto	23
6. Estratégias de intervenção	24
6.1. Metodologia	24
6.2. Análise dos dados.....	27
6.2.1. Questionário aplicado aos Pais/ Encarregados de Educação	27
6.2.2. Questionário aplicado às crianças do Jardim de Infância	49
6.2.3. Análise de dados recolhidos entre os dois questionários	53
6.3. Desenvolvimento das Actividades	55
7. Recursos	65
8. Avaliação	66
9. Disseminação	77
10. Considerações finais	78
Referências bibliográficas	84
Anexos	86

Anexo A: Instrumentos de recolha de dados

Doc. 1 - Inquérito por questionário aplicado aos Pais /Encarregados de Educação

Doc. 2 - Inquérito por questionário destinado às crianças do Jardim de Infância

Doc. 3 - Pedido de autorização aos Enc. de Educação para aplicação de questionário aos filhos

Doc. 4 - Questionário de Avaliação

Anexo B: Imagens de materiais construídos ao longo do Projecto

Imagem 1 - Cartão de Requisição Familiar

Imagem 2 - Placard dos Registos das Actividades de Leitura Partilhada

Imagem 3 - Registo dos sinónimos das palavras de uma história

Imagem 4 - Actividade de Escrita Criativa – *Elefante Cor-de-rosa*

Imagem 5 - Actividade de Escrita Criativa – “Mala Misteriosa” - Participação dos Pais

Imagem 6 - Registo da Visita à Livraria Lello

Imagem 7 - Diploma de Participação no Projecto de Leitura Partilhada

Imagem 8 - Diploma de Participação no Projecto

Anexo C: Portefólio de Histórias Partilhadas – Ficheiro individual em anexo

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o género e a idade.....	28
Gráfico 2 - Distribuição dos Pais de acordo com as Habilitações Literárias.....	30
Gráfico 3 - Distribuição das Mães de acordo com as Habilitações Literárias.....	30
Gráfico 4 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o sexo e a actividade profissional	31
Gráfico 5- Distribuição dos inquiridos de acordo com o sexo e ocupação dos tempos livres	32
Gráfico 6 - Distribuição dos inquiridos de acordo com quem os incentivou a ler.....	34
Gráfico 7 - Distribuição dos inquiridos de acordo com as razões para não lerem livros	34
Gráfico 8- Distribuição dos Pais mediante as leituras que fazem	36
Gráfico 9 - Distribuição das Mães mediante as leituras que fazem.....	36
Gráfico 10 - Distribuição das Famílias de acordo com o tipo de livros que possuem em casa	38
Gráfico 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com os livros que compram e as pessoas a quem se destinam.....	39
Gráfico 12 - Distribuição dos inquiridos comparando a actuação dos Pais e Mães para promover o gosto pela leitura	42
Gráfico 13- Distribuição dos inquiridos de acordo com a frequência da Biblioteca Pública	47
Gráfico 14 - Distribuição dos inquiridos comparando a periodicidade da frequência da Biblioteca Pública de Pais E Mães	47
Gráfico 15 - Distribuição das crianças de acordo com o facto de os pais lhe contarem histórias.....	50
Gráfico 16 - Distribuição das crianças de acordo com quem lhes lê histórias.....	50
Gráfico 17 - Distribuição das crianças de acordo com a quantidade de livros que possui.....	51
Gráfico 18 - Distribuição das crianças de acordo com o facto de costumarem comprar livros com os pais.....	52
Gráfico 19 - Distribuição das famílias de acordo com a sua participação no projecto..	66
Gráfico 20 - Distribuição por meses dos livros requisitados ao longo do projecto.....	67
Gráfico 21 - Distribuição das Famílias de acordo com o número de livros requisitados ao longo do projecto.....	67
Gráfico 22 - Distribuição das Famílias e das crianças de acordo com a participação nas actividades de partilha de leitura	68
Gráfico 23- Contributo das requisições na BE	72
Gráfico 24 - Aumento dos pedidos de história por parte das crianças	73
Gráfico 25 - Alteração dos hábitos de leitura em Família	74
Gráfico 26 - Alteração na atitude da criança face à leitura.....	76

Índice de tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o género e idade	28
Tabela 2- Distribuição dos inquiridos de acordo com as Habilitações Literárias	29
Tabela 3 - Distribuição dos inquiridos de acordo com a actividade profissional.....	30
Tabela 4 - Distribuição dos inquiridos de acordo com a ocupação dos tempos livres..	32
Tabela 5 - Distribuição dos Inquiridos de acordo com o gosto pela leitura	33
Tabela 6 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com que os incentivou a ler.	34
Tabela 7 - Distribuição dos inquiridos relacionando o gosto pela leitura com a frequência com que o fazem	35
Tabela 8 - Distribuição dos inquiridos relacionando as habilitações literárias com o gosto pela leitura.....	35
Tabela 9 - Distribuição dos inquiridos relacionando o costume de ler com o facto de estarem a ler algum livro actualmente.....	37
Tabela 10 - Distribuição dos inquiridos relacionando o hábito de comprar livros com as pessoas a quem se destinam.....	38
Tabela 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o nº de livros que leu no ano anterior.....	39
Tabela 12 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o facto de os pais lhe costumarem ler	40
Tabela 13 - Distribuição dos inquiridos relacionando a importância de ler aos filhos com o hábito de lhes ler	41
Tabela 14 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o pedido de livros por parte dos filhos	41
Tabela 15 - Distribuição dos inquiridos relacionando o conhecimento do PNL com a forma como o obtiveram.....	45
Tabela 16 - Distribuição dos inquiridos relacionando a frequência da Biblioteca Pública com a requisição de livros	48
Tabela 17 - Distribuição das crianças de acordo com o gosto de ler	49
Tabela 18 - Actividades de partilha de leitura por meses e por família	69
Tabela 19 - Distribuição das crianças de acordo com os itens avaliados	70
Tabela 20 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o facto de o projecto ter incentivado o gosto pelo livro e pela leitura	71
Tabela 21 - Contributo das requisições na BE para a leitura familiar.....	72
Tabela 22 - Compatibilidade do horário de requisições com a disponibilidade das famílias.....	72
Tabela 23 - Influência da frequência da BE na formação do leitor.....	73
Gráfico 24 - Aumento dos pedidos de história por parte das crianças.....	73
Tabela 25 - Alteração dos hábitos de leitura em.....	74
Tabela 26- Interesse e motivação das actividades	74
Tabela 27 - Relação com a leitura.....	75
Tabela 28 - Alteração da atitude da criança face à leitura	75

1.INTRODUÇÃO

A sociedade dos nossos dias está alicerçada na informação, sendo esta a base da construção do conhecimento, e constituindo-se como uma peça fundamental no exercício da cidadania. A leitura surge indubitavelmente ligada ao modo como acedemos a esta informação e também à forma como nos apropriamos dela, construindo o nosso próprio conhecimento e desenvolvendo competências para responder às exigências da sociedade tecnológica em que vivemos, caracterizada por uma evolução constante nesta área.

O código escrito surge frequentemente no nosso dia a dia, convidando-nos à leitura e à decifração mas, a maior parte das vezes, nem sequer nos apercebemos disso. Se nos perguntarem se hoje lemos alguma coisa, será normal respondermos que não porque ainda não tivemos tempo. Então e o horário do autocarro que consultamos na paragem; a ementa afixada à entrada da escola; os emails que consultamos numa corrida contra o tempo; as instruções daquele jogo? Isso não é leitura? É verdade, e todas estas leituras exigem que utilizemos diferentes estratégias para as transformarmos em conhecimento.

Em simultâneo, as tecnologias assumiram um papel preponderante, desafiando-nos constantemente e levando-nos a desenvolver novas competências e novas literacias. A imagem supera a palavra, as novas tecnologias ultrapassam a magia dos livros, e as crianças são verdadeiramente aliciadas por elas.

Os fracos resultados obtidos pelos portugueses em testes de literacia (cf. Relatórios Pisa, 2000), aliados ao desinteresse manifestado pela leitura, são aspectos que nos deixam verdadeiramente preocupados, como docentes, como pais e, inclusivamente, como cidadãos e que carecem de uma reflexão profunda, e de uma intervenção para a mudança.

Consideramos que, se pretendemos formar jovens autónomos responsáveis e interventivos, capazes de construir conhecimento através da interacção e partilha, e de responder às solicitações da sociedade em que

vivem devemos ajudá-los a desenvolver meios de aceder à informação e transformá-la em conhecimento, e isto passa obrigatoriamente pela leitura e pela intervenção dos diferentes contextos educativos em que a criança se integra.

Nesta perspectiva, a família surge-nos como a primeira unidade social em que a criança se insere, daí o papel preponderante que esta deverá desenvolver na aproximação dela à leitura. Revestindo-se de um carácter vincadamente afectivo, as actividades de leitura familiar suscitam na criança o desejo de aprender a ler, como forma de ela própria se apropriar das mensagens escritas e daquelas histórias que tanto aprecia. A conquista gradual do livro e da leitura, associada a momentos de partilha e interacção familiar, poderá conduzir à criação de hábitos de leitura e fazer prevalecer o gosto pelo livro, ao longo dos anos.

Não podemos no entanto deixar de referir o Jardim de Infância, especificamente o professor/educador, pois quer queiramos quer não, ele ainda continua a ser, para muitas crianças, o mediador por excelência da leitura, na medida em que muitas famílias ainda continuam a relegar essa responsabilidade para a escola. Será portanto fundamental a nossa intervenção, no sentido de sensibilizar os pais para a importância de partilharem a leitura com os seus filhos e inclusivamente participarem em actividades promovidas a partir do Jardim de Infância.

Por outro lado, a BE assume uma importante missão proporcionando situações de aprendizagem e disponibilizando informação, em diferentes suportes, a toda a comunidade educativa, gerando situações de igualdade social e contribuindo activamente para o desenvolvimento de hábitos de leitura, através da disponibilização de um fundo documental adaptado às preferências e ao nível etário das crianças a que se destina.

Neste trabalho, foi nosso objectivo envolver os pais em actividades de promoção da leitura, em articulação com o Jardim de Infância, visando melhorar os níveis de literacia, porque acreditamos que a criança deve ser estimulada, o mais precocemente possível, à leitura e a participar na aventura da descoberta do prazer de ler.

Assim sendo, no segundo capítulo deste trabalho, imediatamente a seguir à introdução, definimos a natureza e a designação do projecto.

No terceiro fizemos o enquadramento teórico da problemática em análise, ou seja, em que medida o Jardim de Infância poderá influenciar e aumentar a leitura em família. Nesta perspectiva, a fundamentação assentou na pesquisa bibliográfica sobre leitura, literacia e agentes mediadores na construção do leitor. Começámos por fazer uma abordagem geral da temática, focando a importância do contacto precoce com o livro e a criação de hábitos de leitura, na formação de leitores. Este capítulo foi subdividido em três pontos específicos: Família, Jardim de Infância e Biblioteca Escolar; onde salientámos a importância de cada um deles na formação do leitor e na descoberta do livro como fonte de prazer.

No quarto capítulo, fizemos uma breve caracterização dos destinatários e do contexto de aplicação.

No quinto capítulo, apresentámos a pergunta de partida, as hipóteses que levantámos para a nossa investigação e os objectivos gerais e específicos que nos propusemos alcançar.

No sexto e sétimo capítulos, referimos as estratégias de intervenção e a metodologia adoptada para a caracterização da amostra, assim como os instrumentos utilizados e respectiva análise e tratamento de dados dos questionários aplicados; fizemos uma descrição e análise das actividades realizadas e dos recursos pedagógicos/didácticos necessários ao desenvolvimento e prossecução do projecto.

No oitavo capítulo, fizemos a avaliação do projecto, baseada na análise dos indicadores previamente definidos, da avaliação feita com as crianças, e do questionário aplicado aos pais para avaliação.

No capítulo nono, apontámos algumas possibilidades de disseminação do projecto e tecemos considerações sobre a sua continuidade no futuro.

Para finalizar, fizemos as considerações finais analisando o grau de cumprimento dos objectivos, as possibilidades de confirmação das nossas hipóteses, a possível resposta à nossa pergunta de partida e o sucesso do projecto.

Rematámos com as referências bibliográficas que serviram de base à elaboração deste projecto e que são essencialmente monografias, muito embora nos tenhamos apoiado também em alguns textos e artigos de revista. A problemática sobre a qual nos debruçámos tem sido bastante discutida, daí que estes temas sejam abordados por vários autores, nos quais nos baseámos, para fundamentar este projecto.

2. DESIGNAÇÃO DO PROJECTO

Nome: *Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família:
Um projecto de intervenção.*

3.FUNDAMENTAÇÃO

O acto de ler não é apenas um processo de decifração, como se entendeu durante muitos anos; saber ler é muito mais do que isso, é também saber extrair informação de um texto e transformá-la em conhecimento.

A leitura tem um papel importantíssimo nas nossas vidas de hoje, pois vivemos numa sociedade em que, diariamente, somos confrontados com uma diversidade enorme de informação escrita que temos que interpretar. E, aqui, começam a ser apontados os baixos níveis de literacia, os fracos hábitos de leitura dos portugueses e a necessidade de fazer, urgentemente, algo para combater esta “Falha” melhorando o ensino de leitura nas escolas.

Fátima Sequeira (2002), partindo dos fracos resultados obtidos pelos portugueses em testes de literacia (Pisa, 2000), salienta a necessidade de dar maior importância ao ensino da língua portuguesa, nomeadamente no que se refere aos contextos e às estratégias de leitura. Para isso, propõe a criação de estruturas básicas de igualdade social que deverão passar por uma escola com condições adequadas à educação “[...] cada escola deve obrigatoriamente ter uma biblioteca bem equipada, dinamizada por pessoal especializado e com horário permanente” (Sequeira, 2002, p.56); propõe também um plano de emergência para o ensino de português, onde a leitura deverá ocupar um lugar privilegiado, fundamentado numa investigação científica sobre a leitura em Portugal; e ainda a participação dos pais e outros parceiros educativos na promoção de programas sobre o uso da literacia, apontando estratégias de desenvolvimento da leitura e da escrita, em casa e na comunidade.

Num estudo de 2004, Lourdes Mata refere que, com as práticas de literacia familiar desenvolvidas em situações de vida quotidiana e na ocupação dos tempos livres, os vários elementos da família desempenham um papel de extrema importância na facilitação da descoberta e apreensão da linguagem escrita.

Através da análise dos vários estudos efectuados, conclui ainda que existe uma relação significativa entre a precocidade, o tempo de leitura de histórias e a percepção da funcionalidade da linguagem escrita, e que existe uma relação efectiva entre hábitos de leitura de histórias e a emergência de literacia. Os próprios pais têm também que começar a aperceber-se das potencialidades desta actividade, no sentido da criação de hábitos de leitura, no desenvolvimento de atitudes positivas face a ela e da aquisição de competências importantes para o futuro.

Fátima Sequeira (2002), aponta o pré-escolar e o 1º ciclo como os níveis de ensino que facilitam a aproximação da criança ao livro, desenvolvendo nela o gosto pela leitura, e onde se efectuam aprendizagens que marcam a criança, interferindo directamente com o seu futuro.

Como educadora, considero-me bastante envolvida neste processo, pois o Jardim de Infância é um local privilegiado de contacto com o livro e, de acordo com as Orientações Curriculares (Ministério da Educação, 1997), é importante proporcionar às crianças o contacto directo com diversos tipos de textos, para que elas compreendam a necessidade e as funções da escrita, ao mesmo tempo que vão desenvolvendo estratégias de leitor e fundamentalmente o prazer, o gosto e a vontade de ler.

Nas crianças desta faixa etária começa a desenvolver-se, gradualmente, o processo de emergência de leitura, em paralelo com o da emergência da escrita. A criança vive rodeada de símbolos escritos e tenta atribuir-lhes significado, recorrendo muitas vezes ao conhecimento prévio que possui e a outras estratégias que o educador vai partilhando com ela na forma como lhe lê histórias e outros textos.

Nesta fase não está propriamente a ler mas a fazer previsões sobre o texto, e a “assumir” o comportamento de leitor, baseado grande parte das vezes na imitação do adulto que lhe serve como ponto de referência, mas estas “brincadeiras” são essenciais para a compreensão das características do acto de ler.

Lourdes Mata (2008), considera que os contactos precoces com a leitura proporcionados no Jardim de Infância são essenciais para a formação

do bom leitor, e isto tem a ver com a frequência com que se lê, como se lê (estratégias e conhecimentos), porque se lê e com quem se lê. Refere que foram identificados em crianças de idade pré-escolar três perfis motivacionais para a leitura, nomeadamente: o prazer da leitura; o valor da leitura e o auto conceito de leitor. Salienta a importância da motivação para a leitura, pois não adianta tentar forçar situações, e mais uma vez, tal como Isabel Solé (1992) também propõe, considera necessário utilizar estratégias de antecipação do conteúdo, desafiando a criança a fazer as suas previsões, a formular perguntas, a interagir com o livro, a envolver-se de tal forma que sinta satisfação e prazer usufruindo verdadeiramente da leitura. Para além disto, a criança deve também ter consciência da utilidade da leitura, assim como sentir-se competente na realização da actividade e compreender a sua evolução. Muito embora ainda não saiba ler, isto será um incentivo para continuar.

Lourdes Mata (2008) entende que a leitura de histórias, é uma actividade muito rica e completa, pois permite a integração de diferentes formas de abordagem à escrita, em geral, e, especificamente, à leitura. Apoiase na investigação que tem vindo a ser realizada para identificar os benefícios desta prática no desenvolvimento de concepções emergentes de literacia, assim como no desenvolvimento de competências de leitura.

Veloso & Riscado (2002), referem que “[...] como não se nasce leitor, é imprescindível a actuação de vários mediadores que, ao longo da vida e com acções concertadas vão gerar o leitor e o vão fazer crescer” (Veloso & Riscado, 2002, p.28); salientam ainda que a Literatura Infantil funciona, para a criança, como um trampolim para a descoberta do mundo dos adultos, na medida em que se transforma no brinquedo que possibilita diversas descobertas e explorações e, ao mesmo tempo, no segredo que estimula a imaginação a vivenciar tudo o que não é permitido na vida real.

No artigo *O livro no jardim de Infância* (1999), publicado na revista *Malasartes*, e anteriormente no jornal do CEPI Aurélia de Sousa, preconiza-se que compete ao adulto fazer com que a criança encare a leitura como uma rotina de prazer, um hábito, algo que lhe faz falta para se sentir feliz, mas isto só se pode transmitir se ele próprio o sentir.

Afirma-se ainda que, “[...] a formação de leitores só acontecerá se todos se sentirem responsáveis: a família, o Jardim de Infância, a escola, a biblioteca pública e o poder central e local.” (Malasartes, 1999, p.25).

Estas instituições deverão desenvolver esforços concertados, no sentido de promover hábitos de leitura e formar leitores, e é nesse sentido que pretendo desenvolver o meu projecto.

3.1. Família

A família é a primeira unidade social em que a criança se insere, e é nela que se inicia e desenvolve a sua socialização. São os pais que se preocupam com o seu bem-estar, com o seu desenvolvimento físico e psicológico, e conseqüentemente, também deveriam ser eles a proporcionar o primeiro contacto com o livro e a desenvolver as primeiras estratégias, tendentes a despertar na criança o gosto pela leitura, e o prazer de ler ou ouvir ler (Sabino, 2008).

A leitura deve ser algo “mágico”, capaz de despertar na criança o desejo de aprender e descobrir todo o prazer que ela lhe pode proporcionar. E, esta magia ou encantamento pode começar nos primeiros anos de vida, quando os pais através das histórias, dos contos tradicionais repletos de reis, rainhas, princesas, fadas, duendes e personagens fantásticas, as transportam para o mundo do maravilhoso e da fantasia. Esta fase de pré-leitura, do primeiro contacto com os contos e o livro, que todos guardamos na memória, pode ser o primeiro passo para a formação do leitor.

Daniel Pennac, aborda precisamente este aspecto quando refere que: “Abrimos-lhe até ao infinito uma enorme diversidade de coisas imaginárias, iniciamo-lo nas alegrias da viagem vertical [...] Regressava calado destas viagens. [...] Este silêncio depois da leitura, é o grande prazer do leitor!”, (Pennac, 2002, pp. 17, 18); salienta ainda, que o apetite do leitor era tal que ele ansiava por aprender a ler. Parece-nos importante destacar que este autor considera que, através da leitura de histórias, se ensina à criança “tudo o que

se pode ensinar acerca do livro, numa altura em que ele ainda não sabia ler” (idem, p.17).

Mercedes Gómez del Manzano também refere que “A família é o lugar privilegiado para a criança despertar para o interesse pela leitura” (Manzano, 1988, p.113); salienta ainda que uma biblioteca familiar seria o ideal, mas não sendo possível, o próprio quarto poderá acolher alguns livros, e tornar-se o espaço onde todos se encontram e compartilham.

Esta posição é partilhada por Elvira Moreira dos Santos (2000), que considera importante saber quais as condições e acções, comportamentos ou atitudes familiares, que favorecem esse interesse; propôs-se ainda analisar em que medida as estratégias de motivação implementadas em casa são relevantes, para o desenvolvimento de competências de leitura. E, nesta base, cita vários autores que sugerem diversos aspectos que, no contexto familiar, podem favorecer o desenvolvimento de hábitos de leitura, nomeadamente: a presença em casa de diversos suportes de escrita, incluindo o livro, que familiarizará desde cedo a criança, e favorecerá o seu encontro com a escrita; o crescer num ambiente em que a leitura faz parte do quotidiano, tornando-se a criança mais receptiva em relação à sua aprendizagem, e em que os pais como leitores funcionam como modelos; e o contar histórias à criança.

Ramiro Marques (2008), diz-nos que “a investigação realizada na última década sobre o assunto (Ferguson, 1979; Mason, 1981; Jensen, 1985) tem confirmado que as crianças que melhor lêem na escola são as que se habituaram a ouvir as histórias desde bebés e possuem um ambiente familiar onde a leitura e a escrita são actividades diárias” (Marques, 2008, p.41)

A família tem portanto um papel importantíssimo no despertar do gosto pela leitura e na formação de leitores, o estímulo proporcionado através da leitura de contos, da partilha e discussão das leituras realizadas, entre pais e filhos, leva-nos a acreditar que se existissem mais famílias com estas práticas, certamente não existiriam níveis tão baixos de literacia em Portugal.

A relação intensamente afectiva que se estabelece através da leitura de histórias em voz alta, “[...] potencializa os ganhos cognitivos e linguísticos. Intuitivamente o comportamento dos pais favorece esses ganhos.” (Viana,

2002, p. 47). Esta autora, citando Morais (1994), refere que a leitura de histórias em voz alta permite à criança descobrir o mundo da leitura, através da voz fortemente impregnada de entoação e significado, de alguém que é para si muito especial e em quem confia. Considera ainda que esta actividade é: “[...] a grande porta para dar gosto às palavras e ao conhecimento” (idem, ibidem). Salienta também que os pais quando explicam excertos mais complexos das histórias, assim como o significado de palavras que não fazem parte do vocabulário das crianças, “[...] estão a promover o desenvolvimento linguístico e a desenvolver o desejo de ler sozinho” (idem, ibidem).

Nesta perspectiva, Lurdes Mata (2006) aponta a leitura de histórias como aquela que, em termos de práticas de literacia familiar, tem sido alvo de mais estudos e investigações, na medida em que a sua frequência poderá estar directamente relacionada com algumas aquisições das crianças, e os seus benefícios são apontados a vários níveis, de forma consensual, por diversos autores. Reforçando esta posição, cita Strickland e Taylor (1995) quando afirmam que “[...] as crianças provenientes de casas onde são lidas histórias estão em condições mais vantajosas que as outras, têm mais vontade de ler antes de iniciarem a educação formal e mais facilidade para a aprendizagem quando esta se inicia” (Mata, 2006, p.83).

Fazendo uma pequena análise de tudo o que tem sido referido, é pertinente concluir que na família existe um grande potencial de aprendizagem que deve ser aproveitado e valorizado pela escola através do desenvolvimento de projectos e parcerias e, tal como é referido, nas Orientações curriculares, “a família e a instituição pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso que haja uma relação entre os dois sistemas (O.C/M.E, 1997, p.43).

Lurdes Mata (2006), diz-nos que o contexto social das famílias, apesar de profícuo não é uniforme, dependendo das características específicas de cada uma, mas que pode apoiar e enriquecer a aprendizagem. Citando Auerbach (1995), salienta que nesta óptica, “uma intervenção eficaz deveria fazer a ligação entre o que é feito em contexto escolar e o que se passa fora, de modo que a literacia se possa tornar um instrumento significativo” (Mata, 2006, p.65).

É pois consensual que a interligação dos contextos escola e família levará sem sombra de dúvidas a um enriquecimento das aprendizagens e a uma melhoria nos níveis de literacia.

3.2. Jardim de Infância

O Jardim de Infância e, mais propriamente, a educação pré-escolar surgem como “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” (Princípio Geral da Lei - Quadro da Educação Pré-escolar, O.C/M.E, 1997, p. 15). Nesta perspectiva deve criar condições, no sentido de desenvolver na criança competências essenciais ao sucesso das aprendizagens e contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola.

A criança é um ser sociável que, a nível restrito, se encontra inserida numa família com características próprias, possuindo já determinados conhecimentos e saberes adquiridos. Como membro de uma sociedade de informação e conhecimento, caracterizada por um apelo constante à comunicação e por um “bombardeamento” intensivo das imagens, do som e das mensagens gráficas, associadas às tecnologias da informação, a criança não é propriamente inexperiente quando chega ao Jardim de Infância, começa já a desenvolver certas competências em termos de literacias e um “processo de emergência da leitura que é um processo gradual e complexo, envolvendo múltiplas vertentes, e que se desenvolve em paralelo com o da emergência das competências de escrita” (Mata, 2008, p.66).

De acordo com as Orientações Curriculares para o Pré-escolar, “ao fazer referência à abordagem à escrita pretende-se acentuar a necessidade de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito” (O.C/M.E, 1997, p. 65). Lurdes Mata aponta também algumas referências, nestas Orientações, sobre o desenvolvimento de competências de leitura no Jardim de Infância que se enquadram em três aspectos principais: comportamento e estratégias de leitor;

contacto com diferentes suportes de leitura; e desenvolvimento do prazer, do gosto e da vontade de ler (Mata, 2006).

É de realçar o papel preponderante do educador como mediador neste processo de apropriação do código escrito e de iniciação à leitura, não no seu sentido tradicional, mas na forma como vai apoiando a criança na exploração e apropriação dos diferentes tipos de texto, partilhando com ela as suas estratégias de leitura.

Isabel Solé (1992) preconiza que a concepção que o professor tem sobre a leitura é fundamental na forma como projecta as suas experiências, no desenvolvimento da sua acção educativa. É por demais evidente que, um educador que não tem um bom relacionamento com a leitura dificilmente poderá desenvolver na criança o gosto e o prazer de ler. Quando o objectivo é formar bons leitores, o educador deve desenvolver actividades conducentes à criação de expectativas de leitura, antecipação de sentidos, mudança, transformação, adaptando e enriquecendo a sua prática educativa de modo a que a criança se sinta motivada e descubra o verdadeiro prazer no acto de ler. Salienta ainda, a necessidade de estabelecer objectivos de leitura e desenvolver estratégias adequadas para a sua compreensão, tal com é referido nas orientações curriculares, a criança deve ter consciência que existem diferentes tipos de textos, dos quais se pode extrair diferentes tipos de informação e conhecimento. Assim a mensagem de um livro de histórias é necessariamente diferente das instruções de um jogo, de um anúncio publicitário ou da notícia do jornal e, aos poucos, a criança vai-se apropriando das estratégias que lhe facilitarão a compreensão do texto. “Se ler é um processo de interacção entre o leitor e o texto, antes da leitura (antes de saberem ler e antes de começarem a fazê-lo quando já sabem) podemos ensinar estratégias aos alunos para que essa interacção seja a mais produtiva possível” (Solé, 1992, p.114).

A criança apesar de ainda não ler, na verdadeira acepção da palavra, desenvolve comportamentos e atitudes características de um leitor, baseada na observação daquele que elege como modelo e que lhe serve como ponto de referência (educador, pai, mãe), o que lhe permitirá mais tarde tornar-se um

leitor envolvido, aquele que possui rotinas onde o contacto com o livro e a leitura assumem um papel preponderante (Mata, 2008). Situações de leitura pontuais e sem continuidade não conduzem de modo algum, a um envolvimento com a leitura.

O Jardim de Infância deve, e pode, ser um local privilegiado de contacto com o livro, e ao longo do dia são muitos os momentos de leitura. A leitura de histórias é uma realidade diária e verdadeiramente importante, pois para além de promover o desenvolvimento da linguagem e o enriquecimento do vocabulário, potencia a criação de hábitos de leitura e a escola não pode de modo algum demitir-se desse papel, tendo em conta que “a aquisição de interesses e de hábitos de leitura consistentes é um processo contínuo, que se inicia em casa, mas deve ser reforçado na escola” (Santos, 2000, p.79).

A motivação é a palavra-chave, para o desenvolvimento de atitudes positivas face à leitura, a criança tem que sentir interesse pela actividade, quer por que espera usufruir de momentos verdadeiramente prazerosos, quer porque pretende obter a resposta sobre algum tema ou assunto que a interessa. Nesta fase, do Pré-escolar, a leitura não é propriamente uma actividade individual, pois como as crianças não sabem ler necessitam de alguém que o faça por eles, “contudo, é importante, nestas idades alargar a vertente social da leitura, para que se criem hábitos e o gosto pela partilha e troca de ideias com os outros” (Mata, 2008, p. 73). Neste contexto, a criança apercebe-se que existem opiniões condizentes com as suas, gostos semelhantes e provavelmente vai aumentar o seu leque de opções, alargando os seus horizontes e conhecimentos como leitor em formação.

Como já foi referido anteriormente as crianças vão assumindo comportamentos de leitor baseados na observação daqueles que lhe estão mais próximos e que lhe conseguem transmitir prazer através da história que lhe lêem. Frequentemente pedem que a sua história favorita seja lida repetidamente, e isto porque pretendem apropriar-se completamente dela, não apenas interagindo com o texto e apreendendo a sua mensagem, mas porque “essa repetição ajuda-as a antecipar as palavras e as acções e familiariza-as com o conteúdo da história até atingirem o ponto em que conseguem ler quase

palavra por palavra” (Viana & Teixeira, 2002, p. 45), deixando-nos por vezes na dúvida, se sabem ou não ler na verdade.

Os hábitos de leitura são indissociáveis da leitura de histórias, e tal como nos refere Lurdes Mata (2008), têm sido muitos os trabalhos de investigação desenvolvidos, nestes últimos anos, sobre esta temática que identificaram os benefícios desta prática, tanto em termos de concepções emergentes de literacia, como de aprendizagem e desenvolvimento de competências de leitura. Refere ainda, que são vários os aspectos apontados inerentes ao potencial da leitura de histórias, e que se prendem com vivências relacionadas com os momentos de leitura, nomeadamente proporcionar oportunidades para ouvir leitura fluente, fornecer modelos de leitores envolvidos, alargar experiências, desenvolver a curiosidade pelos livros e aprender “comportamentos de leitor”.

Considerámos estas reflexões, tecidas a partir da análise dos resultados de várias investigações, como extremamente relevantes na altura de definir projectos de animação e promoção da leitura, pois partilhamos da convicção de que a leitura literária é o ponto de partida para todas as literacias.

3.3. Biblioteca Escolar

As Bibliotecas Escolares, entendidas como um espaço aberto de livre circulação, de acesso fácil ao livro e onde o ambiente é tão agradável e acolhedor que convida à leitura e fruição, são uma realidade recente no nosso país. Não longe vai o tempo em que os livros eram religiosamente guardados em estantes altíssimas, protegidas por portas e, nalguns casos até, com redes às quais apenas acediam os bibliotecários. E com isto pretendia-se o quê? Preservar os livros mantendo-os indefinidamente com o seu impecável aspecto, como o símbolo da cultura e história do nosso país, ou limitar o acesso à informação e ao conhecimento? Por outro lado, o ambiente rígido e pesado que caracterizava estes espaços transformava-os em locais pouco

agradáveis que os alunos visitavam, apenas quando eram realmente forçados a fazê-lo.

Ao longo dos tempos estas situações foram sendo alteradas e, felizmente, em 1997 com a criação da Rede Nacional das Bibliotecas Escolares começaram a aparecer os primeiros centros de recursos educativos, aos quais é atribuído um importante papel nos domínios da: aprendizagem da leitura; literacia; criação do gosto e desenvolvimento do prazer de ler; e aquisição de hábitos de leitura, para além do desenvolvimento de competências de informação e aprofundamento da cultura, constituindo-se como recursos básicos e essenciais na educação (Veiga et al, 1997).

A Biblioteca Escolar (BE) surgiu, de acordo com o Manifesto da Unesco para as Bibliotecas Escolares, com uma missão bastante importante: a de facultar serviços de aprendizagem e acesso à informação, de modo a permitir que todos os membros da comunidade educativa se tornem cidadãos activos, críticos e utilizadores efectivos dos diferentes suportes e meios de comunicação; e nove objectivos bastante específicos, relacionados com a importância da BE, na promoção da leitura, no acesso à informação, no desenvolvimento de diferentes literacias e no seu envolvimento com toda a comunidade educativa para a prossecução das finalidades e do curriculum da escola.

Lino Moreira da Silva salienta ainda, que as BE deverão: “servir de motor cultural da escola, dinamizando-a; ser interventivas, num espírito de envolvimento de toda a escola [...]; empenhar-se em motivar e formar leitores [...] e frequentadores de outras bibliotecas” (Silva, 2000, pp. 89,90)

Por outro lado, Fátima Sequeira (2002) considera que “cada escola deve obrigatoriamente ter uma biblioteca, bem equipada, dinamizada por pessoal especializado e com horário alargado” (Sequeira, 2002, p. 56), de modo a promover o desenvolvimento da literacia em leitura. Louva os esforços desenvolvidos conjuntamente pelos Ministérios da Educação e Cultura para a ampliação da rede de Bibliotecas Públicas, mas salienta que “a criação de hábitos de leitura na escola contribuirá para fazer um adulto leitor que sentirá

mais tarde a necessidade de frequentar uma Biblioteca Pública.” (idem, ibidem).

Neste sentido, as colecções das BE assumem um papel preponderante em termos de adequação ao nível etário e de ensino a que se destinam, “Por exemplo, os alunos do primeiro ciclo do ensino básico devem ter acesso a uma variedade de livros e recursos de informação que apoiem a aprendizagem da leitura – nomeadamente da leitura de ficção, base de todas as literacias [...]” (Nunes, 2006, p.4).

Elvira dos Santos (2000), considera como condição essencial para criar nas crianças o gosto pela leitura e o prazer de ler, a exposição “perante uma literatura que vá de encontro aos seus interesses.” (Santos, 2000, p.80), pois para ler é preciso gostar daquilo que se lê.

Como complemento do que já foi referido, e para além do fundo documental da BE, urge sublinhar o papel decisivo de um mediador especializado, ou seja, de um coordenador empenhado, competente e com formação adequada para facilitar o acesso à cultura e à informação. Não será demais realçar, que um bom mediador é aquele que gosta de ler e que consegue transmiti-lo na sua actuação diária, “pois só os leitores entendem as vantagens da documentação e aprendem a fazer uso dela, para si próprios e para os outros, criando ambientes de aprendizagem abertos.” (Nunes, 2003, p. 5).

Neste sentido, e dado que a BE faz parte de todo o processo educativo, e assume um papel de especial relevância na vida da escola, “as suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades da escola e fazer parte do seu projecto educativo, não devendo ser vista como um simples serviço de apoio à actividade lectiva ou um espaço autónomo de aprendizagem e ocupação dos tempos livres” (Veiga et al, 1997, p. 13).

Assim, as actividades da BE devem ter em conta as planificações dos diferentes professores, de modo a disponibilizar os recursos necessários à sua prossecução.

É ainda importante sublinhar o estreito trabalho de articulação que deve ser desenvolvido, entre o coordenador da BE e os professores da escola,

no sentido de se fazer um aproveitamento pleno dos recursos, funcionando o professor como um instigador de pesquisas, de procura de informação para a construção do conhecimento, em que a base de todo o processo de aprendizagem passa pelo aprender a aprender; e o bibliotecário assume o papel de mediador facilitando o acesso a essa informação, desenvolvendo no aluno diferentes tipos de literacia. Por outro lado, os alunos devem também ser sensibilizados para a frequência da BE, não só para actividades de pesquisa ou desenvolvimento de projectos, mas também para lerem simplesmente aquilo que gostam usufruindo de momentos de verdadeiro prazer.

São de realçar excelentes projectos de dinamização e animação do livro e da leitura, desenvolvidos em escolas do primeiro ciclo, em que a articulação entre a biblioteca e a sala de aula é já uma realidade, e que a BE funciona como um pólo dinamizador de toda a comunidade escolar, e facilitador da aprendizagem. Para além disso, teremos que ter em conta, “o alargamento da sua influência às famílias e a outras redes sociais que colaboram com a escola, de forma a contribuir para otimizar as competências das crianças e dos jovens na resolução dos problemas que pela vida fora lhes serão colocados” (Nunes, 2003, p.6). E neste sentido, urge abrir as portas da BE a toda a comunidade educativa (incluindo as famílias) e meio envolvente, disponibilizando o acesso à informação, e rentabilizando e ampliando os recursos através da partilha dos mesmos.

4. DESTINATÁRIOS E CONTEXTO DE APLICAÇÃO

4.1. Destinatários

Grupo de crianças de uma sala do Jardim de Infância e respectivas famílias.

4.1.1. Caracterização do Grupo de Crianças

O grupo é constituído por 19 crianças, cujos níveis etários variam entre os 3, 4, 5 e 6 anos; é, portanto, heterogéneo, mas ao mesmo tempo relativamente equilibrado na sua heterogeneidade, pois são: oito de 5 anos, sete de 4 anos, três de 3 anos e um de 6 anos.

Três destas crianças têm necessidades educativas especiais, o que como é evidente, e no que se refere à sua inclusão, se vai reflectir nas características do grupo, implicando uma forte sensibilização no que diz respeito à aceitação da diferença e ao espírito de entreajuda.

Na generalidade, são crianças provenientes de um meio socioeconómico médio, algumas até médio alto, que residem na freguesia, ou cujos pais trabalham nesta zona.

Em termos de desenvolvimento, é um grupo relativamente homogéneo, salientando-se, no entanto, um pequeno subgrupo de 5 anos que, por vezes, se destaca um pouco, mas que acaba a maior parte das vezes por ser acompanhado pelas crianças de 4 anos. Os mais pequenos estão perfeitamente integrados e participam activamente em todas as actividades desenvolvidas.

A heterogeneidade do grupo em termos de níveis etários é, quanto a nós, bastante saudável, pois acaba por gerar situações de aprendizagem enriquecedoras para todos.

É um grupo muito activo e interessado, que realiza actividades individuais e de grupo, demonstrando um certo desenvolvimento a nível da linguagem e um vocabulário rico e diversificado.

Denotam um certo interesse pela leitura e escrita. Escrevem o seu nome e outras palavras que aparecem frequentemente no dia-a-dia do Jardim de Infância. Começam a ter algumas noções em termos de consciência fonológica, pois exploramos frequentemente poesias, lengalengas e histórias, e começam a criar certas afinidades com este tipo de trabalho.

4.2. Contexto de aplicação

4.2.1. Caracterização Geográfica do Contexto Escolar

A EB1/JI onde se aplicou o projecto insere-se num Agrupamento de Escolas que se situa numa freguesia do centro do Porto.

É uma freguesia milenar, com cerca de 2,5 Km², que conta actualmente com cerca de 25 mil habitantes.

Desempenha portanto, uma importante função residencial, coexistindo habitações antigas com traços arquitectónicos característicos, e prédios modernos e até mesmo empreendimentos habitacionais de luxo.

No que diz respeito à economia da freguesia, constatou-se que ela assenta no sector terciário (serviços, comércio, bancos, seguros, educação e saúde).

A actividade industrial que chegou a caracterizar esta freguesia, foi-se perdendo ao longo dos anos e actualmente é uma freguesia comercial por excelência, possuindo grandes superfícies que contrastam com o comércio tradicional. Paralelamente a estas actividades, e em termos de serviços, encontram-se na freguesia, um elevado número de bancos, companhias de seguros, agências de viagens, etc.

É caracterizada pela sua diversidade, em termos de serviços: destinados à animação e cultura (museus e galerias de arte), bem como à saúde, já que aqui estão sediados diversos hospitais públicos e privados.

A freguesia é também um importante pólo estudantil, com múltiplos estabelecimentos de ensino públicos e privados, de todos os graus de ensino desde o pré-escolar ao ensino superior.

Em termos de acessibilidade é servida por uma alargada rede de transportes, nomeadamente: a Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP), uma rede de Táxis e o Metropolitano.

4.2.2. Caracterização Genérica do Contexto Escolar

O Agrupamento de Escolas, a que pertence a turma do Jardim de Infância onde foi desenvolvido o projecto, é constituído por um Jardim de Infância, duas Escolas do 1º ciclo (EB1) e pela Escola Básica e Secundária. Possui 1549 alunos distribuídos por 73 turmas dos diferentes níveis de ensino, constituindo portanto um pólo educativo.

4.2.3. Caracterização da EB1/JI

A EB1 possui um jardim-de-infância integrado, onde se desenvolveu o projecto. A construção do edifício data de 1963. A instituição educativa possui uma área de lote de 5122m², sendo que 1940m² são de área coberta e 3182m² de área livre. O espaço tem acessibilidade para deficientes motores. O edifício é composto por dois pisos, o primeiro piso funciona para a valência do pré-escolar e 1º ciclo e o segundo piso, só para a valência do 1.º ciclo do ensino básico. Dispõe de dezanove salas, das quais, duas pertencem ao jardim-de-infância. De forma a prestar apoio a ambos os níveis educativos estão ao dispor: a sala de informática, o laboratório e a biblioteca.

4.2.3.1. Caracterização da Biblioteca Escolar

A Biblioteca da EB1/JI pertence à rede de Bibliotecas Escolares desde 1999. Funciona no r/c do edifício de modo a permitir o acesso às crianças com dificuldades de mobilidade.

É um espaço amplo, pois ocupa o correspondente a duas salas da escola, bastante iluminado e acolhedor. Foi um lugar privilegiado para o desenvolvimento do nosso projecto, em alternância com a sala de actividades do Jardim de Infância.

Em termos de organização do espaço, está dividida por zonas funcionais, nomeadamente: acolhimento; leitura informal; trabalho de grupo e pesquisa; visualização de Vídeos e DVD, com vídeo projector; informática com ligação à Internet.

O fundo documental é bastante vasto, dado tratar-se da BE de uma escola do 1º ciclo, e está organizado segundo a CDU, mas também associado a cores de acordo com a Biblioteca Pública. Tem cerca de 3.400 monografias, adaptadas aos níveis etários das crianças, revistas avulso, CDs áudio, DVDs, CD-ROMs, cassetes de vídeo.

Possui um coordenador que disponibiliza recursos informativos em diversos suportes, ajudando os alunos a transformar a informação em conhecimento.

5. OBJECTIVOS DO PROJECTO

Pergunta de Partida:

Em que medida o Jardim de Infância poderá influenciar e aumentar a leitura em família?

Hipóteses:

1 – O Jardim de Infância, e nomeadamente o professor/educador, tem um papel fundamental na aproximação da criança ao livro e à leitura.

2 – A partilha da leitura em família, desenvolvida a partir do Jardim de Infância, potencia a promoção de hábitos de leitura nas crianças.

Objectivo Geral:

Envolver os pais em actividades de promoção da leitura em articulação com o Jardim de Infância, com vista a melhorar os níveis de literacia das crianças.

Objectivos Específicos:

- Consciencializar a família para a necessidade de partilhar responsabilidades com a escola na formação de leitores competentes;
- Sensibilizar os pais para a importância da leitura no aumento dos níveis de literacia;
- Aumentar o contacto dos pais com a biblioteca escolar;
- Aumentar o conhecimento de pais e alunos no domínio dos utilizadores;
- Fomentar momentos de cumplicidade na requisição e partilha do livro;
- Aumentar o contacto das crianças com os livros em contexto familiar;
- Incentivar o gosto pelo livro e pela leitura;
- Valorizar o potencial do livro na articulação dos saberes;
- Levar as famílias a participar no processo de promoção de leitura;
- Incentivar os pais a acompanhar os filhos na descoberta do prazer de ler e a partilhar com eles, através do diálogo, o conteúdo das obras.

6. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

6.1. Metodologia

O presente trabalho surge em sequência do desenvolvimento de um projecto de promoção de leitura em articulação com as famílias, num Jardim de Infância pertencente a um Agrupamento de Escolas de uma freguesia do centro do Porto.

Tendo em conta que se trata de um projecto de intervenção que pressupõe uma intervenção para a mudança dos hábitos de leitura em família e de comportamentos e atitudes face à leitura, optamos por utilizar uma metodologia de investigação - acção, na medida em que esta se orienta “[...] para a melhoria das práticas mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessa mudança” (Vilelas, 2009, p. 195). Segundo Cortesão & Stoer (1997), “Através da metodologia de investigação-acção o professor pode produzir dois tipos de conhecimento científico: um que se baseia no professor investigador e outro que se baseia no desenvolvimento de dispositivos pedagógicos (o professor como educador)” (Cortesão & Stoer, 1997, p.9)

Esta metodologia implica uma reflexão de e para a acção onde intervêm todos os implicados, centrando-se na prática educativa e na melhoria das estratégias utilizadas (o que implica uma maior eficácia). De acordo com o autor, José Vilelas (2009) “O investigador formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas identificados; a partir destes princípios, podem depois ser formuladas hipóteses quanto à acção que na prática, deverá conduzir às melhorias desejadas” (Vilelas, 2009, p.195).

Considerando que uma investigação não deverá avançar baseada apenas em algumas ideias e referentes teóricos que poderão, inclusivamente, ser um pouco parciais, urge atender a alguns aspectos importantes em

investigação e, na perspectiva de Quivy & Campenhoudt (2008), o investigador deverá obedecer aos três actos do procedimento científico que se articulam entre eles e se desenvolvem num conjunto de operações agrupadas em sete etapas. Baseados na experiência, preconizam ainda, que a melhor forma de actuar numa investigação será procurando enunciar o mais fidedignamente possível, o que se procura saber ou entender melhor, através de uma pergunta de partida que deverá ser clara, exequível e pertinente, “[...] esta constitui o fio condutor do trabalho” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.49).

Assim sendo, e atendendo ao objecto do nosso estudo, formulámos a nossa pergunta de partida - Em que medida o Jardim de Infância poderá influenciar e aumentar a leitura em família? – e, em função dela, realizámos uma pesquisa bibliográfica a partir da qual pudemos analisar obras e estudos de autores reputados, nomeadamente Viana (2002), Santos (2000), Solé (1992), Mata (2004); artigos científicos, tais como Sequeira (2002) e publicações avulsas sobre a temática em questão, designadamente, relatórios profissionais e artigos de jornais. Pretendemos, deste modo, criar uma conceptualização teórica consistente e fundamentada para a nossa problemática.

Foi nosso objectivo desenvolver actividades com vista a melhorar os níveis de literacia das crianças, assim como criar e/ou consolidar hábitos de leitura em família. Neste sentido, a nossa problemática está directamente ligada aos baixos níveis de literacia apontados no estudo de PISA 2000¹ e pretendemos aferir até que ponto uma acção concertada de diversos mediadores – Família, Jardim de Infância, Biblioteca Escolar poderá contribuir para a formação de leitores competentes e até alterar os hábitos de leitura.

Determinada a problemática deste projecto, e traçados os objectivos a que nos propusemos, definimos a metodologia de investigação a adoptar, “[...] como uma formalização do percurso intencionalmente ajustado ao objecto de estudo e concebido como meio de direccionar a investigação para o seu

¹“ O valor da média Portuguesa situa-se abaixo da média da OCDE e muito distanciado dos países que obtiveram melhores classificações médias” (GAVE 2001).

objectivo, possibilitando a progressão do conhecimento acerca desse mesmo objecto” (Pardal & Correia, 1995, p.16).

E, neste sentido, construímos as hipóteses que orientaram a nossa investigação e que em seguida recordamos:

Hipótese 1 – O Jardim de Infância, nomeadamente o professor/educador, tem um papel fundamental na aproximação da criança ao livro e à leitura.

Hipótese 2 – A partilha da leitura em família, desenvolvida a partir do Jardim de Infância, potencia a promoção de hábitos de leitura nas crianças.

Numa fase inicial do nosso estudo, dado que pretendíamos fazer uma caracterização dos destinatários do projecto para, com base nela, delinear a nossa estratégia de intervenção, adoptámos como instrumento de recolha de dados o inquérito por questionário, que é o método especialmente adequado à “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.189).

Em face disto, foram aplicados dois questionários: um aos pais e mães, adaptado do inquérito já testado por Sandra Ferreira (2009) na sua Dissertação de Mestrado, mas validado por nós junto de uma pequena amostra; e outro aplicado às crianças, que é original, tendo também sido validado junto de uma pequena amostra (ver anexo A – doc.1 e 2).

Ainda de acordo com os autores anteriormente citados, o inquérito por questionário define-se como sendo um conjunto de perguntas relativas à situação profissional ou familiar, às opiniões e atitudes em relação a opções sobre questões humanas e sociais ou outros pontos de interesse dos investigadores (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Em conformidade com esta ideia, este instrumento permitiu-nos estudar variáveis independentes e variáveis dependentes, obtendo assim informações a que não poderíamos aceder por uma observação directa, como por exemplo se os pais lêem livros aos filhos. Assim, o nosso questionário era constituído por perguntas abertas e fechadas e dividia-se em quatro partes distintas: caracterização dos inquiridos (variáveis independentes); hábitos de

leitura, conhecimento do Plano Nacional de Leitura e frequência da Biblioteca Pública (variáveis dependentes). No que diz respeito ao questionário para as crianças, era constituído apenas por perguntas fechadas incidindo fundamentalmente na sua relação com a leitura, hábitos de leitura e de que forma acediam ao livro, e apoiando-se essencialmente na imagem, para que a criança, que ainda não sabe ler, conseguisse apreender a mensagem.

A metodologia utilizada nesta investigação foi a quantitativa, a qual nos permitiu chegar ao tratamento estatístico dos dados recolhidos, e a uma análise descritiva dos mesmos, assim como a diversas análises de correlação, conducentes a uma interpretação o mais clara possível do objecto em estudo.

6.2. Análise de dados

A análise dos dois questionários (Pais/ Encarregados de Educação e crianças) foi feita separadamente, pois tratava-se de instrumentos diferentes, mas, sempre que necessário e no caso de perguntas que se relacionavam umas com as outras, procedeu-se a uma análise conjunta, com o cruzamento de algumas variáveis.

O tratamento e análise dos dados dos questionários foi realizado através do programa Microsoft Excel e a sua apresentação feita com gráficos e tabelas de forma a facilitar a sua interpretação, pois pretendíamos fazê-la de forma clara e organizada para que nos permitisse estabelecer uma relação lógica com o objecto em estudo – Hábitos de leitura e leitura em família.

6.2.1. Questionário aplicado aos Pais/ Encarregados de Educação

Os dados que aqui apresentamos referem-se ao inquérito por questionário aplicado aos Pais/ Encarregados de Educação das crianças do grupo do Jardim de Infância onde foi desenvolvido este projecto.

Foram distribuídos 18 questionários equivalendo às famílias de 19 crianças, tendo sido recepcionados 15, correspondendo a uma percentagem de

83%, o que é bastante significativo, se atendermos a que, segundo Bravo (2001), existe sempre um número mais ou menos elevado de questionários que não é devolvido, podendo atingir nalguns casos uma percentagem de 40%.

A nossa amostra é composta por 15 mães e 12 pais, o que equivale a um total de 27 inquiridos. Como se trata de um projecto de investigação - acção limitámos a nossa acção a um público-alvo restrito, constituído pelas famílias das crianças da turma do Jardim de Infância onde realizámos a nossa intervenção, sendo por isso uma amostra bastante reduzida.

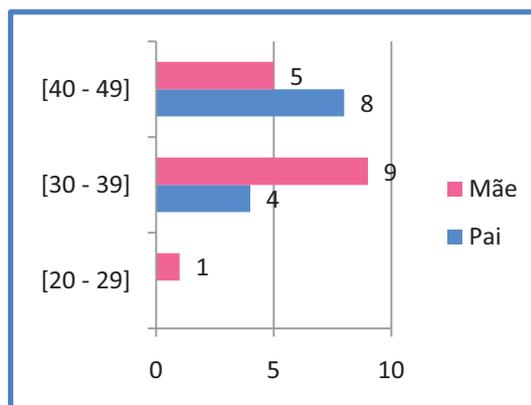
A - Caracterização dos Inquiridos – Variável independente

Iniciámos o nosso estudo fazendo a caracterização dos nossos inquiridos, em termos de idade e de género.

Tabela 1 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o género e a idade

Idade	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
[20-29]	0	0	1	4%	1	4%
[30-39]	4	15%	9	33%	13	48%
[40-49]	8	29%	5	19%	13	48%
Total	12	44%	15	56%	27	100%

Gráfico 1 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o género e idade



Da análise da tabela e do gráfico 1, emergiu que a maioria dos pais e mães (96%) tinham idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos e apenas uma mãe tinha menos de 30 anos. A idade média dos inquiridos era portanto de 39,4 anos.

Foi interessante verificar que existia um equilíbrio entre os 30 e os 39 anos, e os 40 e os 49 anos; em ambos os intervalos verificámos uma percentagem de 48%.

Ao fazermos uma análise comparativa em termos de género e idade, verificámos que existia uma maior percentagem de mães com idades

compreendidas entre os 30 e os 39 anos, ou seja, 33% (n = 9) e no caso dos pais a maior percentagem situava-se entre os 40 e os 49 anos, 29% (n = 8).

De acordo com os dados obtidos, pensamos poder afirmar que o nível etário dos pais das crianças, poderá apontar para um adiamento da maternidade, característico da sociedade actual. Este facto foi apontado em alguns estudos, nomeadamente: Homens e Mulheres em Portugal (INE, 2010), onde se concluiu que “a idade média das mulheres ao nascimento do primeiro filho aumenta continuamente desde o início dos anos oitenta do século passado, subindo para 28,4 em 2008, ou seja, mais de 4,9 anos em relação a 1982” (INE, 2010, p.13).

No que se refere às habilitações literárias dos nossos inquiridos, estas foram analisadas em termos globais como se constata na tabela 2.

Tabela 2- Distribuição dos inquiridos de acordo com as Habilitações Literárias

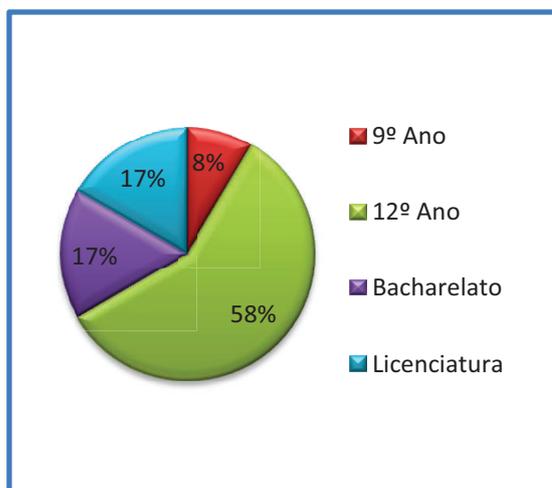
Habilitações Literárias	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
6º Ano	0	0	1	4%	1	4%
9º Ano	1	4%	1	4%	2	8%
12º Ano	7	26%	6	22%	13	48%
Bacharelato	2	7%	0		2	7%
Licenciatura	2	7%	7	26%	9	33%
Total	12	44%	15	56%	27	100%

Classe Modal – 12º ano

Da leitura da tabela ressaltou que a maioria dos inquiridos (48%) possui o 12º ano, 33% possui licenciatura, sendo que apenas 12% possui habilitações inferiores ao ensino secundário.

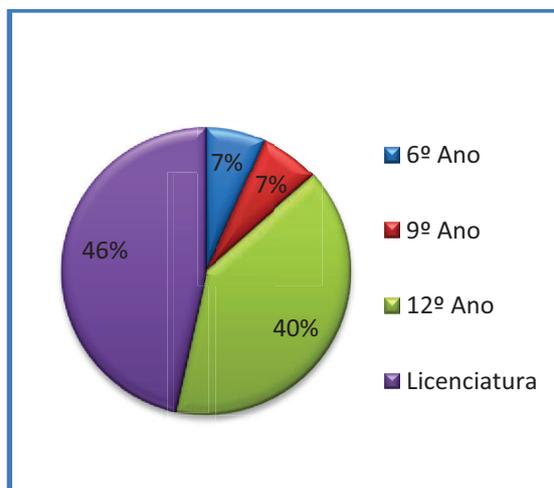
Foi importante para o nosso estudo tentar estabelecer uma relação comparativa entre o género e as habilitações literárias, daí que tenhamos efectuado uma análise com base na variável género.

Gráfico 2 - Distribuição dos Pais de acordo com as Habilitações Literárias



Classe Modal – 12º ano

Gráfico 3 - Distribuição das Mães de acordo com as Habilitações Literárias



Classe Modal – Licenciatura

Analisando os gráficos 2 e 3, referentes às habilitações literárias dos pais e das mães separadamente, verificámos que 58% dos pais possuíam o 12ºano e que 46% das mães possuíam uma Licenciatura. Aferimos que existe uma maior percentagem de mães licenciadas, mas de um modo geral pudemos concluir que o nível académico das famílias é médio alto.

Tabela 3 - Distribuição dos inquiridos de acordo com a actividade profissional

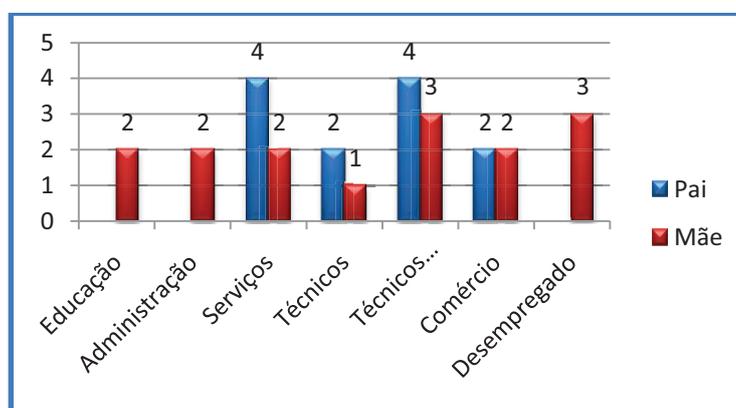
Actividade Profissional	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Educação	0	0	2	7%	2	7%
Administração	0	0	2	8%	2	8%
Serviços	4	15%	2	7%	6	22%
Técnicos	2	7%	1	4%	3	11%
Técnicos Superiores	4	15%	3	11%	7	26%
Comércio	2	7%	2	8%	4	15%
Desempregado	0	0	3	11%	3	11%
Total	12	44%	15	56%	27	100%

Classe Modal – Técnicos Superiores

No que se refere à actividade profissional das famílias, e de acordo com a tabela 3, pudemos constatar que 26% eram técnicos superiores, 11% eram técnicos, 22% estavam ligados aos serviços, 15% ao comércio, 8% à administração, 7% à educação e 11% estavam desempregados. Analisando estes dados pudemos facilmente verificar que estas actividades estavam todas incluídas no sector terciário.

Por outro lado, e tentando relacionar as actividades profissionais com o género dos inquiridos, elaborámos o gráfico 4, a partir do qual tentamos chegar a alguns resultados igualmente significativos.

Gráfico 4 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o sexo e a actividade profissional



Sendo assim e interpretando o gráfico 4 pudemos ver que os pais estavam distribuídos apenas por quatro categorias profissionais, enquanto as mães estavam distribuídas por um leque mais alargado, abrangendo também as áreas da educação e da administração. De referir que as situações de desemprego se referiam também a três mães, sendo que uma delas era licenciada.

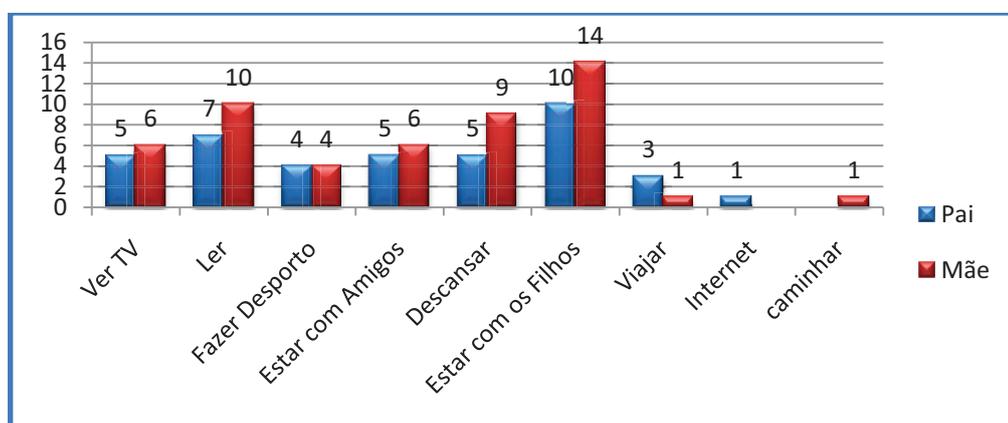
Relativamente à questão sobre ocupação dos tempos livres, pergunta de resposta múltipla, houve um certo equilíbrio nas respostas dadas tanto pelos pais como pelas mães.

Tabela 4- Distribuição dos inquiridos de acordo com a ocupação dos tempos livres

Ocupação dos tempos livres		Ver TV	Ler	Fazer Desporto	Estar com amigos	Descansar	Estar com os filhos	Viajar	Caminhar	Internet
Pai	Nº	5	7	4	5	5	10	3	0	1
	%	41%	58%	33%	41%	41%	83%	25%	0	8%
Mãe	Nº	6	10	4	6	9	14	1	1	0
	%	40%	67%	27%	40%	60%	93%	7%	7%	0%

Classe Modal – Estar com os filhos

Gráfico 5- Distribuição dos inquiridos de acordo com o sexo e ocupação dos tempos livres



De todas as respostas obtidas destacaram-se o **estar com os filhos**, apontado por 93% das mães e por 83% dos pais e **ler** apontado por 67% das mães e 58% dos pais, como podemos verificar na tabela 4 e no gráfico 5.

Em síntese, fazendo uma pequena análise dos dados recolhidos relativamente à caracterização dos inquiridos, apurou-se que no que se referia à idade, e de acordo com a tabela 1, 96% tinham idades compreendidas entre os 30 e os 49 anos, e apenas uma mãe possuía menos de 30 anos. A idade média era portanto de 39,4 anos.

No que concerne às habilitações literárias constatámos que a maioria dos inquiridos (88%) possuíam formação igual ou superior ao 12ºano e apenas 12% tinham formação igual ou inferior ao 3ºCiclo. Neste sentido, podemos concluir que o nível académico das famílias era médio alto.

Ainda no âmbito deste primeiro ponto do nosso questionário, e analisando as actividades profissionais das famílias pudemos verificar que estas estão enquadradas no sector terciário.

No que se refere à ocupação dos tempos livres dos inquiridos, e tal como pudemos aferir através da tabela 4 e do gráfico 5, a resposta apontada com mais frequência é **estar com os filhos** (93% das mães e 83% dos pais) imediatamente seguida por **ler** (67% das mães e 58% dos pais), o que nos leva a concluir que eram pais que pareciam gostar de ocupar o seu tempo livre com os filhos, e por outro lado apreciavam a leitura. No entanto estas conclusões provisórias a que chegamos podem levantar outras questões: Será que parte deste tempo que dizem ocupar com os filhos será dedicado à leitura com eles? E se não for, será que na nossa actividade docente poderemos alterar essa tendência?

B – Hábitos de Leitura – Variável dependente

A expressão hábitos de leitura, costuma indicar uma actividade consistente e sistemática que pressupõe um tempo próprio de concretização e à partida implica um certo gosto e realização pessoal, sem carácter de obrigatoriedade. A infância, a família e a escola estão normalmente associadas a estas práticas, as quais têm como base relações de forte carácter afectivo.

Tabela 5- Distribuição dos Inquiridos de acordo com o gosto pela leitura

Gosta de ler?	Pai		Mãe	
	Nº	%	N ^a	%
Frequentemente	9	75%	11	73%
Raramente	3	25%	4	27%
Nunca	0	0%	0	0%
Total	12	100%	15	100%

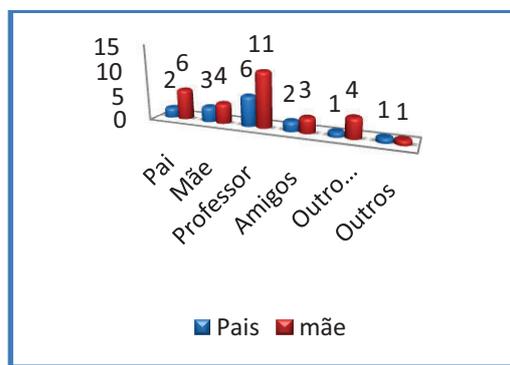
Classe Modal – Frequentemente

A tabela 5 aponta-nos para a distribuição dos inquiridos de acordo com o gosto pela leitura e pudemos apurar a partir destes dados, que 75% dos pais e 73% das mães gostava de o fazer frequentemente.

Tabela 6 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com quem os incentivou a ler.

Quem o incentivou a ler?	Pai		Mãe	
	Nº	%	Nº	%
Pai	2	17%	6	40%
Mãe	3	25%	4	26%
Outro familiar	0	0%	4	26%
Professor	6	50%	11	73%
Amigos	2	17%	3	20%
Outros	1	8%	1	7%

Gráfico 6 - Distribuição dos inquiridos de acordo com quem os incentivou a ler.

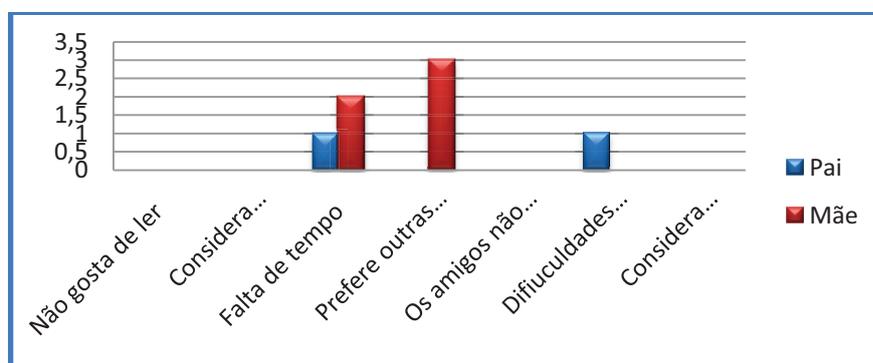


Classe Modal – Professor

No que se refere à pessoa ou pessoas que incentivaram os inquiridos a ler, tratando-se de uma pergunta de resposta múltipla, pudemos verificar, conforme a tabela 6 que tanto os pais (50%) como as mães (73%) indicaram em primeiro lugar o professor. Em segundo lugar, foi indicado o pai, no caso das respostas dadas pelas mães (n = 6). E no caso das respostas dadas pelos pais (n = 3) foi indicado em segundo lugar as mães, como pudemos verificar através do gráfico 6. Parece-nos ser este um dado curioso que poderá vir a ser aproveitado num próximo trabalho.

Relativamente às razões apontadas para não ler, pelos que o fazem raramente, passaremos a analisá-las o gráfico 7.

Gráfico 7 - Distribuição dos inquiridos de acordo com as razões para não lerem livros



Pudemos destacar que três mães preferiam outras actividades; um pai e duas mães apontaram a falta de tempo e um pai referiu dificuldades

económicas. Ninguém, no entanto, referiu que não gostava de o fazer ou considerava aborrecido.

A tabela 7 permitiu-nos relacionar duas dimensões, a do gosto pela leitura com a da frequência com que o fazem.

Tabela 7 - Distribuição dos inquiridos relacionando o gosto pela leitura com a frequência com que o fazem

Gosta de ler? Costuma ler?	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	19	70%	0	0%	0	0%	19	70%
Raramente	1	4%	7	26%	0	0%	8	30%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	20	74%	7	26%	0	0%	27	100%

Classe Modal – Frequentemente

Assim, pudemos aferir que 70% dos inquiridos que referiram gostar de ler frequentemente faziam-no efectivamente com frequência e apenas 4% admitiu que apesar de gostar de o fazer frequentemente, raramente o fazia (n=1). Os restantes 26% raramente liam.

Perceber a relação que existe entre o gosto de ler e as habilitações literárias dos inquiridos, foi também um objectivo da nossa investigação.

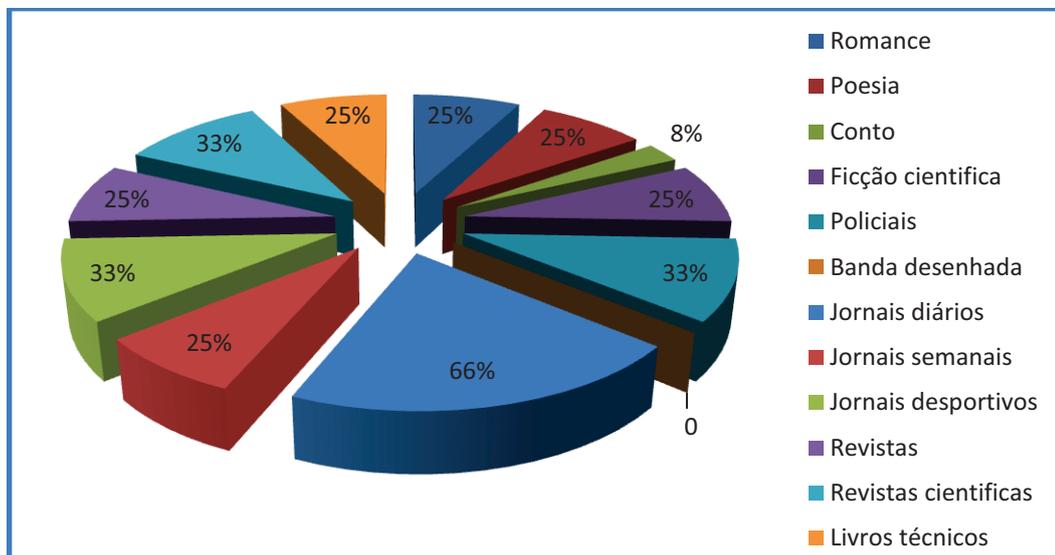
Tabela 8 - Distribuição dos inquiridos relacionando as habilitações literárias com o gosto pela leitura

Habilitações Literárias Gosta de ler?	6º Ano		9º Ano		12º Ano		Bacharelato		Licenciatura		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	0	0%	2	8%	10	37%	2	7%	6	22%	20	74%
Raramente	1	4%	0	0%	3	11%	0	0%	3	11%	7	26%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	1	4%	2	8%	13	48%	2	7%	9	33%	27	100%

Analisando os dados da tabela 8, pudemos constatar que 74% dos inquiridos com habilitações entre o 9ºAno e a Licenciatura gostavam de ler frequentemente, apenas 26% admitiu que o fazia raramente, sendo que a única pessoa com o 6º Ano se enquadra nesse grupo.

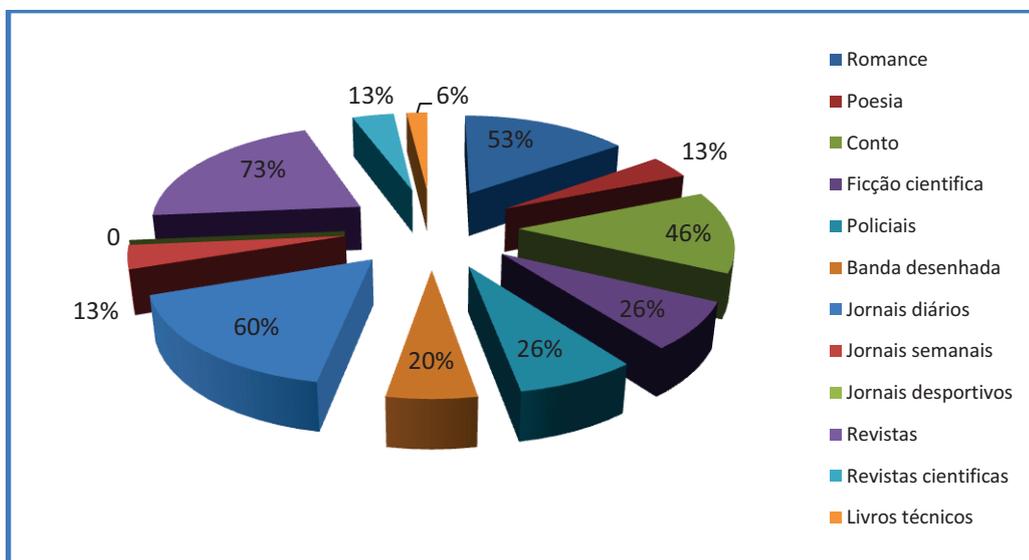
Interessou-nos seguidamente, analisar que tipos de leitura faziam os nossos inquiridos, através de uma pergunta de resposta múltipla

Gráfico 8- Distribuição dos Pais mediante as leituras que fazem



Classe Modal – Jornais Diários

Gráfico 9 - Distribuição das Mães mediante as leituras que fazem



Classe Modal – Revistas

As opções dos pais e das mães foram bastante diferentes, conforme pudemos verificar nos gráficos 8 e 9, daí que tivéssemos optado por as analisar separadamente de modo a podermos estabelecer comparações.

No caso dos pais, constatámos que os jornais diários foram apontados por 66% como uma das suas leituras e os livros policiais, as revistas científicas e os jornais desportivos foram referidos por 33%. Por sua vez, as mães referiram em primeiro lugar a leitura de revistas (73%), em segundo os jornais diários (60%), mas logo de seguida apareceram o romance (53%) e o conto (46%), o que nos permitiu concluir que a literatura e a leitura recreativa faziam parte das preferências de uma percentagem significativa de mães, muito embora de alguns pais também, mas em percentagens menos significativas.

Mediante os resultados anteriormente apontados relativos à leitura de livros e dos vários géneros literários, considerámos importante descobrir se os inquiridos estavam a ler algum livro actualmente e relacioná-lo com o facto de costumarem ler.

Tabela 9 - Distribuição dos inquiridos relacionando o costume de ler com o facto de estarem a ler algum livro actualmente

Está a ler algum livro? Costuma ler?	Pai						Mãe					
	Sim		Não		Total		Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	4	33%	5	42%	9	75%	8	53%	2	13%	10	66%
Raramente	0	0%	3	25%	3	25%	0	0%	5	34%	5	34%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	4	33%	8	67%	12	100%	8	53%	7	47%	15	100%

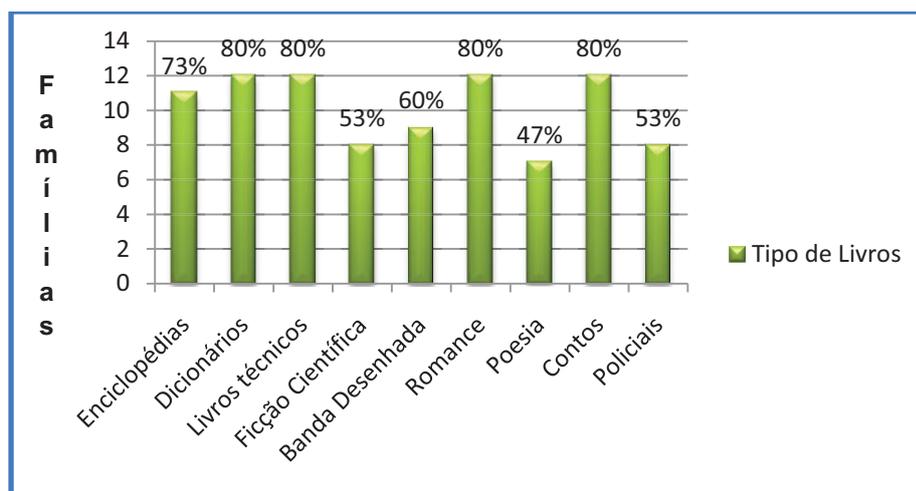
Classe Modal – Não está a ler nenhum livro (n=15)

A tabela 9 permitiu-nos verificar que dos 75% dos pais que referiram ler frequentemente, apenas 33% se encontravam a ler um livro no momento actual. Por outro lado constatámos que das 66% de mães que referiram costumar ler frequentemente, 53% estavam a ler um livro no momento. Estes dados permitiram-nos concluir que são as mães que demonstram maiores preferências pela leitura de livros, como aliás já tinha sido evidenciado na análise dos gráficos anteriores.

Generalizando os resultados verificámos que do total dos inquiridos (Pais e Mães n=27) apenas quatro pais e oito mães se encontravam a ler um livro (n=12).

No sentido de averiguar o grau de proximidade das famílias com a leitura e mais propriamente com o material impresso, nomeadamente o livro, inquirimos sobre o tipo de livros que possuíam em casa, através de uma pergunta de resposta múltipla.

Gráfico 10 - Distribuição das Famílias de acordo com o tipo de livros que possuem em casa



Classe Modal – Dicionários, Livros Técnicos, Romances e Contos

Da análise do gráfico 10, constatámos que os dicionários, livros técnicos, romances e contos, faziam parte das “bibliotecas” de 80% das casas. 73% das famílias indicaram ainda as enciclopédias, 60% disseram possuir banda desenhada, e os policiais e a ficção científica foram referidos por 53%. Apenas 47% disse possuir poesia.

Interessou-nos ainda saber se os inquiridos tinham por hábito comprar livros e pareceu-nos interessante relacionar esse facto com as pessoas a quem se destinavam.

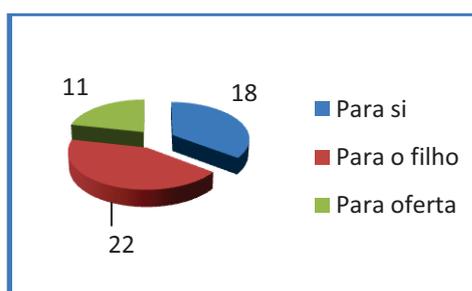
Tabela 10 - Distribuição dos inquiridos relacionando o hábito de comprar livros com as pessoas a quem se destinam

Os livros que compram são: Tem por hábito comprar livros?	Pai						Mãe					
	Para si		Para o filho		Para oferta		Para si		Para o filho		Para oferta	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	3	25%	2	17%	0	0%	3	20%	5	33%	4	27%
Raramente	8	67%	7	58%	2	17%	4	27%	8	53%	6	40%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	11	92%	9	75%	2	17%	7	47%	13	86%	10	67%

Classe Modal – Para o filho (n=22)

Tendo isto em conta, e analisando a tabela 10, verificámos que os pais que disseram comprar frequentemente livros faziam-no em maior número para si (n=3), em seguida para os filhos (n=2), e nunca o faziam para oferta. Por outro lado, as mães que consideraram comprar livros com frequência faziam-no em maior número para os filhos (n=5), seguido de para oferta (n=4) e só depois para elas (n=3). No que diz respeito aos que disseram comprar raramente, os números alteram-se mas a situação manteve-se: os pais continuavam a comprar mais para eles próprios, em segundo lugar compravam para os filhos e apareceu uma pequena percentagem (17%) que disse comprar para oferta. No caso das mães que referiram comprar raramente, a ordem mantém-se, ou seja, primeiro compravam para os filhos, em segundo lugar para oferta e só em último caso para elas próprias.

Gráfico 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com os livros que compram e as pessoas a quem se destinam



Para uma melhor explicitação dos resultados e dado que se tratava de uma questão de resposta múltipla, analisámos o gráfico 11 onde pudemos verificar que, maioritariamente, os inquiridos (n=22) compravam livros para os filhos, (n=18) compravam para si próprios e (n=11) para oferta.

Tabela 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o nº de livros que leu no ano anterior

No ano anterior quantos livros leu?	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	N	%
0	0	0%	2	7%	2	7%
De 1 a 2	6	22%	2	7%	8	29%
De 3 a 5	4	15%	7	26%	11	41%
De 6 a 10	1	4%	4	15%	5	19%
Mais de 10	1	4%	0	0%	1	4%
Total	12	45%	15	55%	27	100%

Classe Modal – De 3 a 5 livros

A tabela 11 permitiu-nos constatar o número de livros que os inquiridos leram no ano anterior, pudemos, portanto, verificar que a maior percentagem dos pais se situavam nos dois primeiros intervalos (de 1 a 2 – 22% e de 3 a 5 – 15%), por sua vez as mães situavam-se maioritariamente no segundo e terceiro intervalos (de 3 a 5 – 26% e de 6 a 10 – 15%), o que vem comprovar resultados referidos anteriormente na nossa análise que indicavam que as mães lêem mais livros que os pais. Na generalidade, o intervalo que apareceu com mais frequência foi o de 3 a 5 livros por ano.

Na tentativa de compreender a problemática, interessou-nos verificar se os pais dos nossos inquiridos lhes costumavam ler livros.

Tabela 12 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o facto de os pais lhes costumarem ler

Os seus pais costumavam ler-lhes livros?	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	1	3%	4	15%	5	18%
Raramente	5	19%	6	22%	11	41%
Nunca	6	22%	5	19%	11	41%
Total	12	44%	15	56%	27	100%

Classe Modal – Raramente e Nunca

A tabela 12 ilustra perfeitamente essa situação, e pudemos constatar que 41% dos inquiridos referiram que os pais nunca lhes leram livros, 41% disseram que o fizeram raramente e apenas 18% (n=5) usufruíram frequentemente dessa actividade. Sendo assim, pudemos interrogar-nos se este facto os teria influenciado como leitores e em virtude disso, estes 82% não gostariam de ler. Para tentar responder a esta questão, resolvemos voltar um pouco mais atrás e relacionámos estes dados com os da tabela nº5, onde tínhamos verificado que 75% dos pais e 73% das mães assumiram que gostavam de ler frequentemente. Ora parecem estes dados mostrar que felizmente não foram negativamente influenciados pelo facto de os pais não lhes terem lido livros, pois possivelmente teriam sido compensados dessa falta, por exemplo, pela leitura realizada pelos professores durante a sua escolaridade.

Considerámos pertinente relacionar também o facto de os inquiridos considerarem importante ler aos filhos, com o hábito que têm de lhes lerem livros.

Tabela 13 - Distribuição dos inquiridos relacionando a importância de ler aos filhos com o hábito de lhes ler

Acha importante ler para o(s) seu(s) filho(s)?	Pai						Mãe					
	Sim		Não		Total		Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	7	59%	0	0%	7	59%	13	87%	0	0%	13	87%
Raramente	4	33%	0	0%	4	33%	2	13%	0	0%	2	13%
Nunca	1	8%	0	0%	1	8%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	12	100%	0	0%	12	100%	15	100%	0	0%	15	100%

Classe Modal – Frequentemente

Da análise da tabela 13 percebemos que 100% dos pais e mães acharam importante ler para os filhos e que 59% dos pais referiram que lêem frequentemente para os filhos, enquanto 87% das mães assumiram que têm o hábito de o fazer frequentemente. Mais uma vez e, em atitudes favoráveis ao desenvolvimento do leitor, as mães parecem assumir a liderança. Relativamente aos que raramente lêem aos filhos foi interessante verificar que a percentagem de pais e mães é igual (33%), mas apareceu-nos um caso de um pai que nunca leu para o filho. Deste facto pode levantar-se uma questão: Será que vamos conseguir alterar esta situação ao longo desta nossa intervenção?

Tabela 14 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o pedido de livros por parte dos filhos

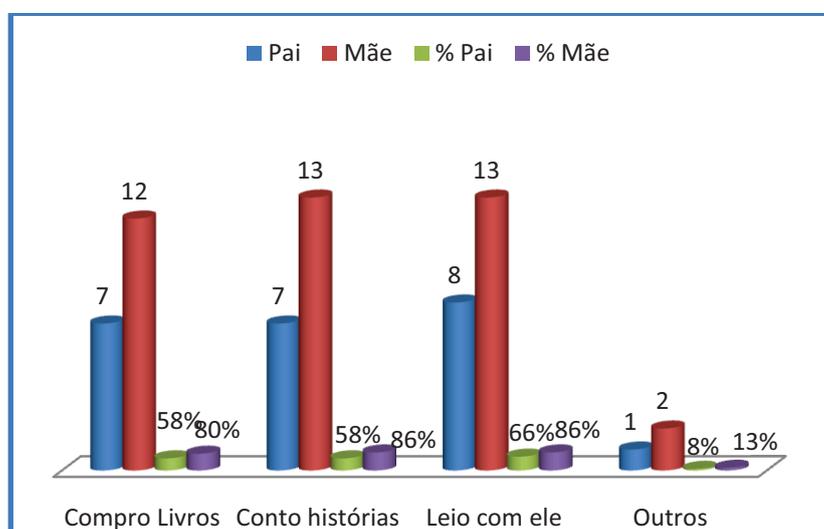
O(s) seu(s) filho(s) pede(m)-lhe livros?	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	8	30%	12	44%	20	74%
Raramente	4	15%	3	11%	7	26%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%
Total	12	45%	15	55%	27	100%

Classe Modal – Frequentemente

Relativamente à questão se os filhos lhes pedem livros, e de acordo com a tabela 14, 74% dos inquiridos mencionaram que o faziam frequentemente, enquanto 26% disseram que raramente o faziam.

Tendo em conta o projecto de intervenção para a promoção da leitura e da literacia que pretendíamos desenvolver, era de todo o interesse averiguar se os pais desenvolviam com os filhos actividades que potenciavam o gosto pela leitura.

Gráfico 12 - Distribuição dos inquiridos comparando a actuação dos Pais e Mães para promover o gosto pela leitura



Classe Modal – Leio com ele

Através da análise do gráfico 12, pudemos concluir que 58% dos pais e 80% das mães disseram comprar livros; 86% das mães referiram que contam histórias e lêem livros, assim como 58% dos pais, no primeiro caso, e 66%, no segundo. Houve ainda uma pequena percentagem de 8% dos pais e 13% das mães, que mencionaram outras, e que especificaram com sendo a frequência da Biblioteca Almeida Garrett.

Ensaçando uma reflexão sobre os hábitos de leitura e os resultados do nosso questionário, poderemos concluir que parece existir nestas famílias uma relação efectiva com a leitura.

Uma percentagem significativa de Pais (75%) e de Mães (73%) referiram gostar de ler frequentemente e admitiram fazê-lo efectivamente, pois quando relacionámos estes dois aspectos apenas 4% referiu que apesar de

gostar de ler frequentemente apenas o fazia raramente. Podemos portanto sublinhar a existência de hábitos de leitura por parte dos pais.

Foi interessante verificar que, quando inquiridos os pais e as mães sobre quem os incentivou à leitura, 50% dos Pais e 73% das Mães referiram o professor. O pai e a mãe surgiram em segundo plano e com percentagens muito baixas, o que, em parte, parece confirmar a nossa primeira hipótese de que o professor assume um papel fundamental na aproximação das crianças à leitura, pois as famílias, na sua generalidade, relegavam para as escolas a responsabilidade da leitura. No entanto, pela nossa parte, e hoje em dia, enquanto educadores, gostaríamos de alterar essa situação, isto é, entendemos que terá que ser na articulação entre os contextos educativos - escola/família - e na conjugação dos seus esforços que poderá estar a base da construção de futuros leitores.

Por outro lado, quando questionados sobre as razões para não lerem referiram a preferência por outras actividades e a falta de tempo; apenas um inquirido apontou as razões económicas.

No que se refere ao tipo de leitura que faziam, 66% dos pais apontou os jornais diários (sendo o tipo de leitura que surgiu em primeiro lugar) contra 60% das mães. Por outro lado, as revistas foram referidas por 73% das mães contra 25% dos pais. O que parece querer indicar, que os jornais são lidos maioritariamente pelos homens e as revistas maioritariamente pelas mulheres. Sendo assim, é interessante verificar que, em termos globais, este dado é coincidente com os dados obtidos no Projecto Leitura em Portugal 2007, inserido nos estudos sociológicos do PNL, onde o perfil do leitor de jornais é considerado “vincadamente masculino, 91% dos homens inquiridos lê jornais contra 76% das mulheres, e o perfil do leitor de revistas acentuadamente feminino, 83% das mulheres lê revistas contra 62% dos homens.” (Santos, 2007, p.53). No entanto, e se compararmos as percentagens relativamente à leitura dos jornais, os nossos dados, não são tão expressivos, pois 60% das mães também os lêem o que nos parece relevante, e provavelmente fruto da actual sociedade de informação em que vivemos. Já no que diz respeito às

revistas, os nossos dados apontaram para uma leitura tipicamente feminina, pois a percentagem de homens que o fazia é muito reduzida (25%).

Por outro lado, enquanto no caso dos pais, surgiu em segundo plano a leitura de livros policiais, revistas científicas e jornais desportivos (33%), no que se refere às mães surgiu a leitura literária, sendo os géneros literários apontados o romance (53%) e o conto (46%), indiciando certos hábitos e gosto pela leitura de fruição e prazer, que acabam por se confirmar quando verificámos que 53% das mães estavam actualmente a ler um livro e apenas 33% dos pais disseram estar a fazê-lo.

No que diz respeito aos livros que possuíam em casa, 100% dos inquiridos referiu possuir livros de vários géneros literários, livros técnicos e livros sobre generalidades. Surgiram, no entanto, com maior frequência os dicionários, livros técnicos, romances e contos (80%), o que nos levou a concluir que estas “bibliotecas familiares” poderão estar relacionadas com a área profissional dos inquiridos e os seus gostos pessoais em termos de leitura recreativa, nomeadamente no caso das mães que referiram estes dois géneros literários nas suas leituras.

Aliás, no que se refere à compra de livros, parecem ser as mães que o fazem com mais frequência e fazem-no primeiro para os filhos, depois para oferta e em último caso para elas, o que nos levou a concluir que são as mães que gerem este tipo de compras salvaguardando a sua importância em termos culturais e educacionais. Os pais fazem-no com menos frequência, e quando o fazem, é em primeiro lugar para si próprios e só depois para os filhos.

Se repararmos, em termos de leitura de livros relativa ao ano anterior, mais uma vez foram as mães que admitiram fazê-lo com maior frequência, mas, se generalizarmos os resultados à globalidade dos inquiridos, o intervalo que surgiu com maior frequência foi o de 3 a 5 livros.

No entanto, todos concordaram (100%) que é importante ler aos filhos, e admitiram fazê-lo habitualmente, muito embora e, mais uma vez, se comparamos os dados, surgem-nos 87% das Mães a fazê-lo contra 59% dos pais, o que nos levou a concluir que a leitura para os filhos é também assumida maioritariamente pelas mães.

Finalmente, em relação às actividades realizadas pelas famílias com vista à promoção da leitura e ao desenvolvimento do gosto e prazer de ler dos filhos, os inquiridos apontaram a compra de livros, o contar de histórias e o ler livros, como aquelas que realizavam com mais frequência. Apenas uma pequena percentagem (8% dos pais e 13% das mães) referiu a frequência da Biblioteca Pública, o que apesar de não ser muito significativo, é um começo de uma relação que poderá influenciar e vir a ser cultivada nas crianças.

Estes dados apontam para a nossa segunda hipótese, confirmando que realmente as famílias parecem atribuir uma certa importância à leitura, desenvolvendo regularmente práticas de leitura familiar. Facto este que poderá indicar uma certa partilha de responsabilidades com a escola, na criação de hábitos de leitura dos seus filhos.

C – Plano Nacional de Leitura (PNL) – Variável dependente

O Plano Nacional da Leitura surgiu como uma iniciativa do Ministério da Educação com vista a fomentar o desenvolvimento de competências para a leitura e a escrita e, ao mesmo tempo, promover a criação e consolidação de hábitos de leitura.

Dado que em algumas das suas vertentes está directamente relacionado com as famílias, foi interessante para nós verificar até que ponto é do conhecimento dos inquiridos e de que forma acederam à informação.

Tabela 15 - Distribuição dos inquiridos relacionando o conhecimento do PNL com a forma como o obtiveram

Conhece o Plano Nacional de Leitura? Como teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura?	Pai						Mãe					
	Sim		Não		Total		Sim		Não		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Meios de Comunicação	1	8%	-	-	-	-	5	33%	-	-	-	-
Professor/Educador	3	25%	-	-	-	-	4	27%	-	-	-	-
Familiares	1	8%	-	-	-	-	0	0%	-	-	-	-
Amigos	0	0%	-	-	-	-	0	0%	-	-	-	-
Total	5	41%	7	59%	12	100%	9	60%	6	40%	15	100%

Classe Modal – Professor/ Educador

Na tabela 15, pudemos verificar que 41% dos pais e 60% das mães já conheciam o PNL, mas que 59% dos pais e 40% das mães ainda não tinham conhecimento da sua existência o que nos pareceu uma percentagem bastante significativa, atendendo à divulgação que tem sido feita pelo Ministério da Educação e órgãos da Comunicação Social.

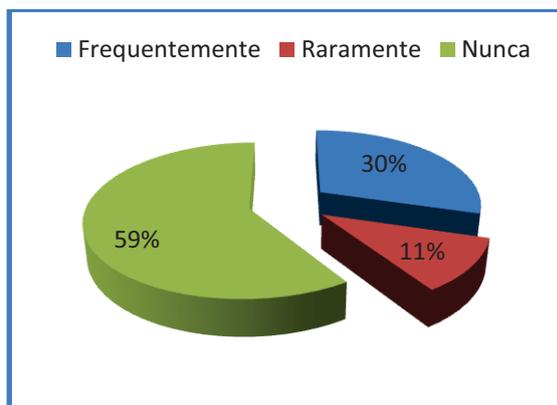
É importante referir que os inquiridos que tinham conhecimento do PNL acederam a ele maioritariamente (25% dos Pais e 27% das Mães), através do Professor, logo seguido da comunicação social e só depois e, numa percentagem reduzida, através de familiares.

Após uma breve reflexão sobre os dados obtidos a este respeito, poder-se-á concluir provisoriamente que apesar da importância do Plano Nacional de Leitura e dos reflexos positivos que ele pode ter a nível da educação e, principalmente, da aquisição de competências de leitura e escrita, são ainda muitas as famílias que desconhecem a sua implementação, muito embora a sua divulgação tenha sido feita a vários níveis: comunicação social, escolas e professores. Sendo assim, na nossa opinião nunca será demais alertar as famílias para a necessidade de estarem atentas e de se envolverem em projectos dos quais os seus filhos poderão num futuro próximo vir a ser os principais beneficiados.

D – Biblioteca Pública – Variável dependente

Se, por um lado, a Biblioteca Pública deve promover um conjunto de serviços, de modo a possibilitar ao cidadão a aquisição de uma série de competências, de forma a transformar a informação em conhecimento, por outro, deve facilitar o acesso ao livro e à leitura, contribuindo desta forma para a aquisição de hábitos de leitura no sentido da formação de um leitor competente, permitindo, deste modo, chegar a uma igualdade de oportunidades face ao desenvolvimento da competência leitora. Neste sentido, foi importante para nós e dada a proximidade da Biblioteca Pública, saber até que ponto os inquiridos usufruíam deste serviço aberto à comunidade.

Gráfico 13- Distribuição dos inquiridos de acordo com a frequência da Biblioteca Pública

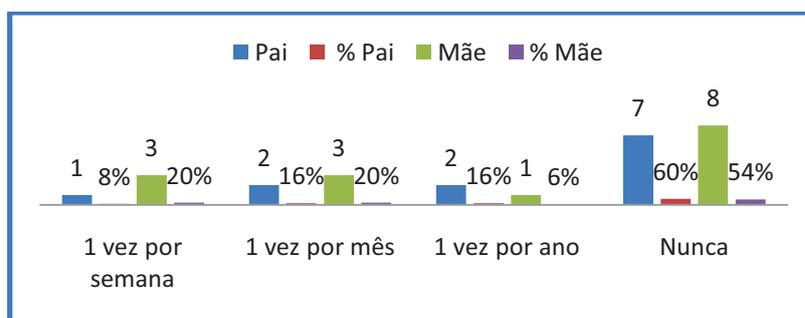


Classe Modal – Nunca frequentaram

O gráfico 13 permitiu-nos avaliar a frequência da Biblioteca Pública por parte dos inquiridos. Constatámos que 59% nunca frequentaram a biblioteca, 11% faziam-no raramente e apenas 30% usufruíam frequentemente dos seus serviços.

Analisámos também, a periodicidade com que os inquiridos frequentavam a Biblioteca Pública.

Gráfico 14 - Distribuição dos inquiridos comparando a periodicidade da frequência da Biblioteca Pública de Pais E Mães



Classe Modal – Nunca

Verificámos que 8% dos Pais e 20% das mães referiram fazê-lo uma vez por semana, 16% dos Pais e 20% das Mães disseram fazê-lo uma vez por mês, 16% dos Pais e 6% das Mães mencionaram fazê-lo uma vez por ano e 60% dos Pais e 54% das Mães nunca o fizeram, apesar da proximidade em relação ao local onde habitam ou trabalham e a escola dos seus filhos.

Pareceu-nos ainda pertinente relacionar a frequência da Biblioteca com a requisição de livros.

Tabela 16 - Distribuição dos inquiridos relacionando a frequência da Biblioteca Pública com a requisição de livros

Costuma frequentar a Biblioteca Pública? Costuma requisitar livros?	Frequentemente		Raramente		Nunca		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	4	15%	0	0%	0	0%	4	15%
Raramente	4	15%	3	11%	0	0%	7	26%
Nunca	0	0%	0	0%	16	59%	16	59%
Total	8	30%	3	11%	16	59%	27	100%

Classe Modal – Nunca

Verificámos, a partir da tabela 16, que 15% dos inquiridos frequentaram a biblioteca e requisitaram livros frequentemente, 26% fizeram-no raramente e 59% nunca o fizeram.

Neste ponto da nossa análise, queremos realçar, que a Biblioteca Pública deverá funcionar sempre como um importante parceiro no acesso à cultura e à informação, de modo a que todos os cidadãos tenham igualdade de oportunidades na forma de aceder ao livro e à informação. Esta transformar-se-á, então, em conhecimento através da partilha e de redes de aprendizagem. Por isso, entendemos sublinhar que, de acordo com os dados recolhidos neste pequeno universo de inquiridos, que inclusivamente, encontrando-se tão próximos em termos geográficos da Biblioteca Pública, cerca de 60% nunca tenha frequentado nem usufruído deste mesmo espaço. Logo, será premente intervir, mas intervir para a mudança de comportamentos e atitudes, dando a conhecer às pessoas de que forma poderão beneficiar e usufruir destes serviços, no sentido de chegar à construção de um conhecimento colectivo próprio e necessário, cada vez mais, a uma sociedade de informação.

6.2.2. Questionário aplicado às crianças do Jardim de Infância

Os dados que aqui apresentamos referem-se ao inquérito por questionário aplicado às crianças do grupo do Jardim de Infância, onde foi desenvolvido este projecto.

Foram aplicados 17 questionários, tendo sido previamente obtida a respectiva autorização dos pais (ver anexo A – doc. 3). Duas das crianças do grupo tinham necessidades educativas especiais severas, facto que as impediu de responder.

De forma a facilitar a apresentação e análise dos dados, considerámos duas dimensões distintas: relação e hábitos de leitura e formas de acesso ao livro.

A – Relação e hábitos de leitura

Sabendo que a leitura faz parte das nossas vidas e que a relação que estabelecemos com ela na infância vai definir o nosso percurso como leitores, a forma como interagimos com o texto e nos apoderamos dele, é de relevante interesse, daí que indagássemos junto das crianças, na tentativa de descobrir se gostavam de “ler livros”. As suas respostas não deixaram qualquer margem para dúvidas, como pudemos verificar na tabela 17, ou seja, 100% afirmou sem hesitações gostar de ler.

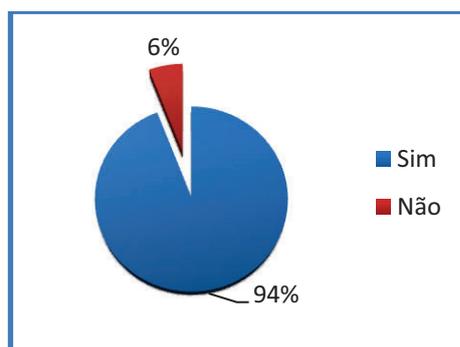
Tabela 17 - Distribuição das crianças de acordo com o gosto de ler

Gostas de ler livros?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
17	100%	0	0%

Classe Modal – Sim

Pareceu-nos ser, ainda, importante para o projecto que pretendíamos desenvolver, aferir se, nesta fase da vida das crianças, existiam práticas de leitura familiar conducentes à criação e consolidação de hábitos de leitura.

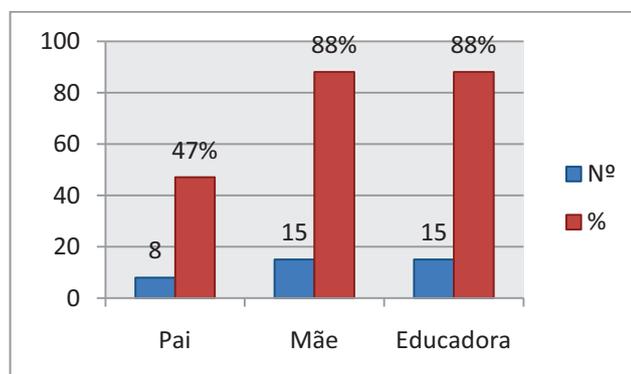
Gráfico 15 - Distribuição das crianças de acordo com o facto de os pais lhes contarem histórias



Classe Modal – Sim

Analisando o gráfico 15, verificámos que 94% das crianças referiu que os pais lhes contavam histórias e apenas 6% (n=1) disse que não. A periodicidade com que o faziam não foi incluída no questionário, pois dado o nível etário das crianças (entre os 3-5 anos) não era fácil aferir esta variável em termos específicos.

Gráfico 16 - Distribuição das crianças de acordo com quem lhes lê histórias



Classe Modal – Mãe e Educadora

Relativamente a quem lhes lia histórias, e como pudemos verificar através do gráfico 16, a Mãe e a Educadora foram indicadas por 88% das crianças (n=15) e o Pai foi referido por 47%. Estes dados parecem confirmar que a nível familiar, são as mães que mais lêem aos filhos.

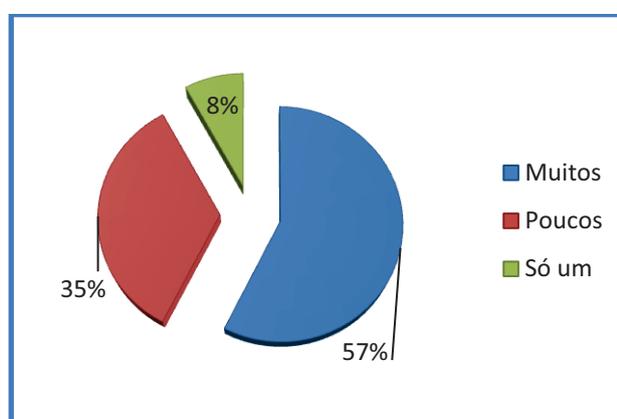
B – Formas de acesso ao livro

O livro, nesta fase etária, pode ser o brinquedo que a criança quer conquistar, descobrindo, lendo e relendo, vivendo a história fantástica que ele

Ihe transmite impregnada de mistérios e repleta de personagens ficcionais que a acompanham naquela viagem de sonho que não quer perder.

O contacto que a criança tem com o livro, o relacionamento que estabelece com ele, a forma afectiva como este lhe é apresentado são aspectos de especial relevo para o desenvolvimento de hábitos de leitura. Assim uma criança que vive num ambiente de leitura, onde acede facilmente ao livro e que inclusivamente participa na sua escolha e aquisição, tem fortes probabilidades de ser um leitor interessado e de retirar prazer desta actividade.

Gráfico 17 - Distribuição das crianças de acordo com a quantidade de livros que possui

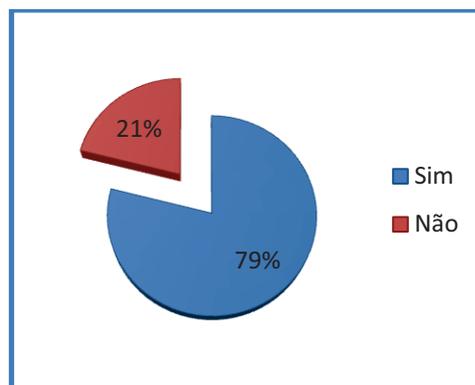


Classe Modal – Muitos

Neste âmbito, pareceu-nos pertinente saber se a criança possuía livros em casa. A escala que utilizámos foi a que nos pareceu mais adequada, uma vez que se tratava de crianças do Jardim de Infância. Assim sendo, e analisando o gráfico 17 constatámos que 57% (n=10) das crianças considerou possuir muitos livros, 35% (n=6) admitiu possuir poucos e 8% (n=1) disse possuir apenas um (n=1).

Pretendíamos, também, perceber o grau de participação das crianças na aquisição de livros.

Gráfico 18 - Distribuição das crianças de acordo com o facto de costumarem comprar livros com os pais



Classe Modal – Sim

E acabámos por constatar a partir do gráfico 18, que 79% das crianças costumavam comprar livros com os pais e que 21% não o faziam.

Em síntese, os dados recolhidos neste questionário, parecem permitir a constatação de que todas as crianças gostam de ler, o que é bastante significativo. Por outro lado, uma maioria (94%), referiu que os pais lhes contavam histórias, o que nos permite inferir que existirá um envolvimento familiar nas actividades de leitura, o que, para nós, é bastante positivo, na medida em que um dos nossos grandes objectivos passa pela promoção da leitura e da literacia, em estreita articulação com as famílias.

Quando a Mãe e a educadora são apontadas pelas crianças, como as pessoas que lhes contam histórias com mais frequência, entendemos ser possível considerar que, implicitamente, parece existir uma relação de coadjuvação e complementaridade entre a escola e a família, o que parece vir ao encontro da nossa segunda hipótese, em que considerámos que a partilha da leitura em família, desenvolvida a partir do Jardim de Infância poderá vir a potenciar o desenvolvimento de hábitos de leitura nas crianças.

Não podemos ainda deixar de referenciar que, o facto de a educadora ser maioritariamente apontada pelas crianças (88%), no que se refere a quem lhe conta histórias, vem confirmar a nossa primeira hipótese que salienta o papel fundamental que o Jardim de Infância e nomeadamente o Professor/Educador tem na aproximação da criança ao livro e à leitura.

Relativamente ao segundo aspecto abordado neste questionário, sobre os livros que as crianças possuíam, constatámos que 57% considerou que possuía muitos livros e 35% achou que tinha poucos. Apesar de reconhecermos que é difícil quantificar o muito e o pouco, pois, como sabemos, é grande a subjectividade e as medidas das crianças também são muito relativas, pudemos verificar que 35%, independentemente da quantidade real de livros que possui, parece não a considerar suficiente, talvez porque um bom leitor tem sempre poucos livros, pois deseja sempre ter mais.

Por outro lado, a participação na compra dos livros com os pais é também significativa, tendo em conta que foi referida por 79% das crianças, o que parece denotar um certo interesse e envolvimento destes intervenientes.

6.2.3. Análise de dados recolhidos nos dois questionários (Pais/ Encarregados de Educação e Crianças)

No sentido de aferirmos alguns dados sobre os questionários aplicados, e por outro lado, enriquecermos a nossa investigação fizemos o cruzamento de dados de algumas das respostas obtidas, tentando estabelecer uma correlação entre elas.

Gráfico 11 – Distribuição dos inquiridos comparando a actuação dos Pais e das Mães para promover o gosto pela leitura

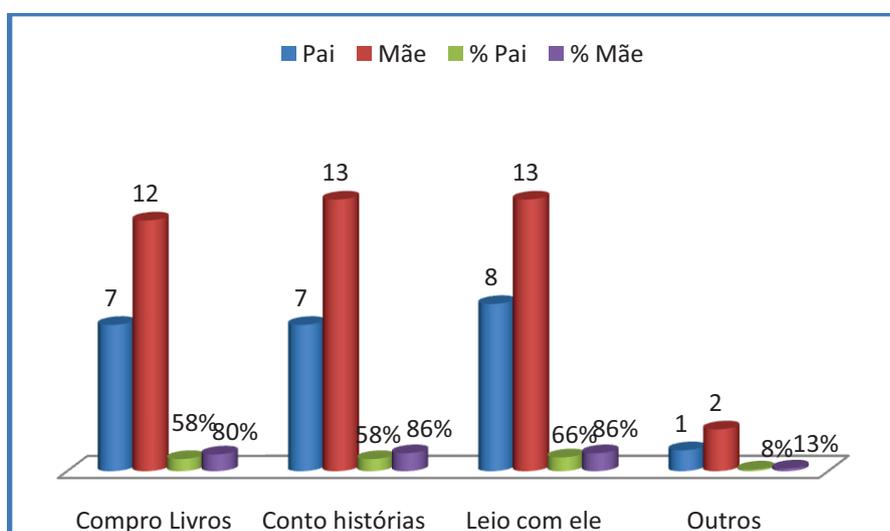
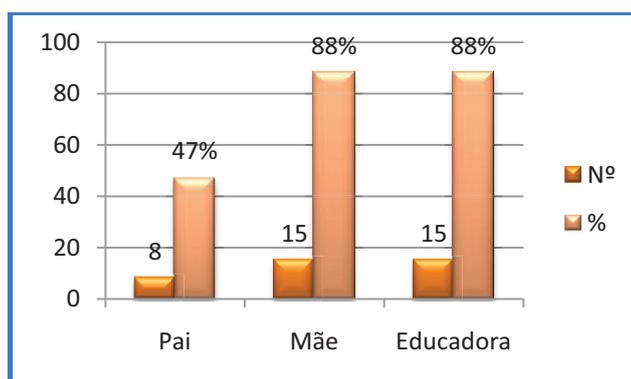


Gráfico 15 – Distribuição dos inquiridos de acordo com quem lhe lê histórias



Considerámos importante fazer um cruzamento dos dados, do questionário das crianças, sobre quem lhes conta histórias, com os do questionário aplicado aos pais, acerca do que estes fazem para promover o gosto pela leitura no seu filho.

Como pudemos verificar a maioria das mães (86%) referiram que lêem aos filhos, o que parece coincidir com as respostas dos filhos que apontaram para 88%. No caso dos pais, surgiu aqui uma certa discrepância, pois 66% dos pais referiram que lêem aos filhos, mas apenas 47% das crianças o confirmaram.

Sendo assim, perante estas percentagens, parece confirmar-se que, a nível familiar, são as mães que mais livros lêem aos filhos.

Resolvemos ainda, verificar a existência de alguma correlação entre os dados do questionário dos pais e o das crianças, sobre o pedido de livros por parte dos filhos e compra de livros com os pais, referida pelas crianças.

Gráfico 17 – Distribuição dos inquiridos de acordo com o facto de costumarem comprar livros com os pais

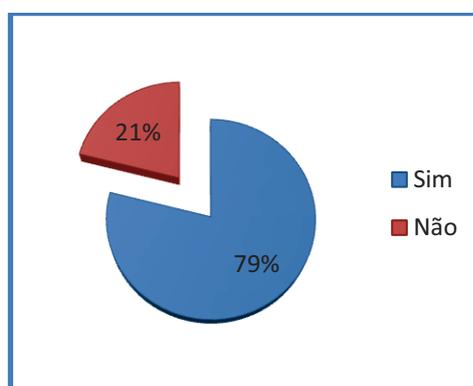


Tabela 14 – Distribuição dos Inquiridos de acordo com o pedido de livros por parte dos filhos

O(s) seu(s) filho(s) pede(m)-lhe livros?	Pai		Mãe		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Frequentemente	8	30%	12	44%	20	74%
Raramente	4	15%	3	11%	7	26%
Nunca	0	0%	0	0%	0	0%
Total	12	45%	15	55%	27	100%

Através da análise da tabela 14 pudemos constatar que 74% dos inquiridos referiram que os filhos lhe pediam livros frequentemente, o que parece estar de acordo com as respostas das crianças, ou seja, 79% afirmaram que compravam livros com os pais, o que nos poderá levar a admitir que os pais acediam aos seus pedidos.

Em face disto, podemos sublinhar que os dados obtidos apontam para um certo envolvimento das famílias em actividades de promoção da leitura, nomeadamente, a leitura de livros e a compra de livros com os filhos, situação esta, que nos parece confirmada pelos pais e pelas crianças.

6.3. Desenvolvimento das Actividades

Este projecto está directamente ligado com a Biblioteca Escolar (BE), daí que ela tenha sido a base de todas as actividades desenvolvidas.

Como já foi referido anteriormente, a Biblioteca é o centro vital de qualquer escola, desempenhando um papel importantíssimo na promoção de hábitos de leitura e de literacia, daí que tenha assumido uma função preponderante nas actividades que desenvolvemos.

Numa primeira fase, para apresentação do Projecto aos Pais/Encarregados de Educação das crianças da turma, realizámos uma reunião que decorreu na Biblioteca, pois aproveitámos a oportunidade para lhes dar a conhecer este espaço, convidando-os a visitá-lo e a usufruir daquilo que ele lhes pode proporcionar e aos seus educandos. Este trabalho implicou uma articulação e coordenação de esforços entre nós e o coordenador da BE,

que se mostrou bastante receptivo e participou sempre que se tornou necessário.

As famílias foram sensibilizadas para a importância da descoberta do prazer de ler, do desenvolvimento de hábitos de leitura e da necessidade de desenvolver competências facilitadoras da sua aprendizagem, foi ainda focado o papel importantíssimo que a família pode desempenhar participando activamente na aproximação da criança ao livro e explorando as ligações afectivas que ela envolve. Neste encontro, as famílias foram “desafiadas” a envolverem-se num projecto de promoção de leitura, que implicava uma articulação entre elas e o Jardim de Infância com vista a promover a leitura e a literacia. Este projecto envolvia também a utilização dos recursos da BE por parte das famílias e, conseqüentemente, a sua abertura à comunidade de forma mais alargada.

A receptividade por parte dos pais foi muito boa, tendo em conta que na reunião de pais nem todos estiveram presentes e que foi necessária uma abordagem individualizada. Foi importante para nós verificar que este projecto veio dar resposta a algumas necessidades dos pais, como por exemplo quando uma mãe referia que estava a ponderar a hipótese de requisitar, na Biblioteca Pública, livros para ler aos filhos, mas que se pudesse fazê-lo na escola, seria mais conveniente.

As actividades desenvolvidas nesta fase de intervenção, tendo em conta os objectivos a que nos propusemos, foram as seguintes:

- Instituição de um horário semanal de requisição familiar de livros na BE;
- Criação de um cartão de requisição familiar;
- Formação no âmbito do utilizador (pais e crianças);
- Histórias partilhadas com os pais, pelos pais e pelas crianças;
- Dramatizações;
- Teatros de fantoches;
- PowerPoint;
- Encontros com escritores – Álvaro Magalhães e António Mota;
- Recital de poesia;

- Visitas à Biblioteca Almeida Garrett no âmbito da formação do utilizador;
- Visita à Livraria Lello;
- Participação em sessões de apresentação de livros;
- Actividades de Escrita Criativa:
 - Elaboração de texto, a partir do título de uma história;
 - Criação de história colectiva – “*Mala misteriosa*” – participação das famílias;
- Distribuição de marca livros e certificados de participação no projecto.

De acordo com a disponibilidade dos pais, foi criado um horário na Biblioteca (2ªFeira: 8h15 – 9h; 5ªFeira: 15h30 – 17h30), assegurado por nós em horário pós-lectivo, para a requisição familiar de livros. Apesar de não ter sido fácil, acabou por ser viável e concretizou-se, pois as famílias acompanhadas dos filhos passaram a dispor de um horário, onde podiam explorar, conhecer e usufruir da BE e dos seus recursos e potencialidades. Assim sendo, foram aprendendo a utilizá-los, tornaram-se utilizadores activos e para além de partilharem momentos de cumplicidade na escolha e requisição de livros, usufruíram de momentos de leitura informal muito ricos de prazer e interacção Pais/filhos.

Para que houvesse partilha de leituras foram propostas às famílias formas criativas de apresentarem as histórias que tinham lido com os filhos, utilizando os recursos e as técnicas que cada um considerasse mais adequadas: ilustração; construção de personagens; apresentação em PowerPoint; a família vir à escola contar a história; entre outras.

A actividade de requisição de livros na BE foi iniciada a 18 de Fevereiro e com ela a formação do utilizador, que seria indispensável aos pais e às crianças para usufruírem em pleno dos recursos que a BE lhes poderia proporcionar. Foi portanto, realizada uma visita guiada, acompanhada de uma breve explicação sobre a organização do fundo documental e a sua classificação, apontando ainda os locais onde poderiam encontrar os livros que mais se adequavam ao nível etário dos seus filhos, nomeadamente: Primeiras Leituras; Literatura; e Livros do PNL.

O desenvolvimento desta actividade implicou a criação de um cartão de requisição familiar, que elaboramos em colaboração com o coordenador da BE (ver anexo B – imagem 1), e foi atribuído a cada família, assim como o preenchimento de um boletim de requisição de livros, onde são mencionados os dados relativos ao documento em questão, designadamente: o nº de registo; a cota; o título, bem como os dados pessoais do requisitante. É importante referenciar que este processo foi vivenciado e partilhado pelas crianças que acompanhavam os pais, lhes “ditavam” o nº de registo e a cota, e frequentemente assinavam a sua própria requisição.

No que se refere a todo o processo de escolha do livro, verificou-se um grande envolvimento dos participantes (pais/filhos), que se dirigiam às estantes observando, folheando os livros, analisando-os em conjunto e fazendo a sua opção. De realçar que nem sempre a opção inicial era a que prevalecia, muitas vezes, havia acertos resultantes desta negociação, mas o resultado final era gratificante para todos, pois o “ir à biblioteca não pressupõe apenas entrar e sair com livros na mão. As crianças gostam de ficar lá um pouco folheando livros e demorando-se na sua escolha” (Marques, 2008, p. 46). E assim acontecia, os pais permitiam-lhes estes momentos de prazer e compartilhavam-nos com elas. Aliás o dia de requisição era um dia importante para as crianças, que anunciavam logo de manhã: “ Hoje vou requisitar um livro, a minha mãe vem. Tu vais estar cá, não vais?”

Mas nem sempre os pais se lembravam ou tinham disponibilidade naquele dia. Surgiam situações peculiares e dignas de registo, que se referem a crianças que não deixavam os pais ir embora sem se dirigirem à biblioteca. Outras porém acompanhavam-nos, mas à saída começavam a chorar. Logo que os pais se apercebiam do motivo, voltavam para trás: “ Ainda posso requisitar? Hoje esqueci-me e só quando o vi a chorar é que me lembrei.”

As semanas foram passando e os meses também e a requisição de livros foi-se tornando um hábito, mais frequente para uns e menos para outros, mas que prevaleceu e alterou muitos comportamentos, e isto, por intervenção directa das próprias crianças, que dado o seu envolvimento comentavam umas com as outras e até com os pais, que era dia de requisição de livros.

Frequentemente ouvia-se “ Hoje é dia de requisitar livros” e, por vezes, os pais até comentavam, “Uma menina da sala é que me lembrou quando fui buscar o meu filho”.

No dia 26 de Fevereiro, tivemos a primeira actividade de partilha de histórias, contada por uma mãe na sala do Jardim de Infância. Explorámos a sua temática, que foi de imediato identificada pelas crianças – Amizade - e que se integrava perfeitamente no trabalho que estávamos a desenvolver no âmbito da formação pessoal e social e da educação para os valores.

Foi o início de várias actividades neste âmbito e, ao longo do projecto, foram partilhadas 39 histórias, mas nem só as mães vieram contar a história, vieram pais, avós, irmãos e até amigos, pois “nem sempre os adultos são os melhores contadores de histórias. Ocasões há em que o irmão mais velho pode desempenhar esse papel [...]” (Marques, 2008, p. 34). A exemplo disso, é interessante referir que numa destas actividades de partilha, foi um irmão mais velho que veio ajudar a contar a história, começando da seguinte forma: “Eu e o meu irmão já combinámos, eu leio a história e ele completa com as partes que sabe de cor, no final ele mostra as imagens e apresenta as personagens, e eu digo quem é o autor e o ilustrador”. Fica aqui expresso de forma inequívoca o interesse destas duas crianças, a sua capacidade de organização e inclusivamente de preparação da actividade, empenhando-se na tarefa, captando o interesse de todo o grupo, e transmitindo-lhe o prazer que sentiram com a leitura desta história.

As próprias crianças assumiram integralmente o papel de leitoras, transmitindo a história aos colegas, nalguns casos de forma praticamente textual, e por momentos parecia que estavam efectivamente a ler. Na nossa opinião, este facto parece dever-se ao número de vezes que os pais tinham sido “obrigados” a ler o livro, já que “essa repetição ajuda-as a antecipar as palavras e as acções e familiariza-as com o conteúdo da história até atingirem o ponto em que conseguem *ler* quase palavra por palavra” (Viana & Teixeira, 2002, p.45).

E assim a leitura de histórias passou a fazer parte do dia-a-dia do jardim-de-infância: “Hoje trouxe o meu livro, quando é que vou contar a

história?”, sem que, no entanto, se implementasse uma rotina, pois a sua exploração conduzia sempre a caminhos diversificados e que inclusivamente procuravam estimular: a curiosidade, o apelo ao conhecimento prévio, o recurso ao intertexto leitor “Olha, faz-me lembrar a história do Pinóquio que também dizia muitas mentiras”, passando pela exploração da temática que a envolve, pela caracterização das personagens, pela descoberta de palavras desconhecidas “O que é veterinário? Eu sei, posso dizer, a minha mãe disse-me quando me contou a história”, pela caça à rima “Esta história tem muitas rimas, vamos procurar mais?” e outras actividades de exploração a nível linguístico.

A par da partilha da história, a criança/família elaborava um registo da mesma (desenho ou outro adereço relacionado) que era colocado no placard da sala que organizámos para o efeito, e que reflectia o desenvolvimento do nosso projecto e o grau de participação das famílias (ver anexo B – imagem 2).

Estas actividades de carácter essencialmente lúdico, mas com uma vertente pedagógica, tiveram uma recepção extraordinária por parte de todas as crianças e, inclusivamente, dos pais. Foram criados, pelas crianças, rituais para a leitura da história sentando-se todos em grupo e colocando em lugar de destaque o par leitor (criança/familiar ou criança/educador), de forma a ouvirem atentamente, intervirem e partilharem aqueles momentos mágicos, vivendo as aventuras dos heróis e usufruindo daqueles instantes de acalmia e relaxamento, que só a forte relação afectiva com a leitura pode proporcionar. É importante referir o cuidado que os pais tinham em organizar previamente a actividade, apresentando-a de forma original e criativa, recorrendo a acessórios que faziam parte da história, a fantoches que representavam personagens ou a outros elementos que consideravam pertinentes. Uns liam, outros contavam, outros contavam com a colaboração e participação dos filhos, outros acompanhavam a história com música instrumental cantando pequenas partes, outros explicavam os trechos mais difíceis, assim como as palavras desconhecidas e desta forma “esta relação intensamente afectiva potencializa os ganhos cognitivos e linguísticos. Intuitivamente o comportamento de muitos pais favorece estes ganhos” (Viana, 2002, p. 47).

Paralelamente, foram realizadas outras actividades, nomeadamente: um PowerPoint elaborado com uma das crianças, para que ela pudesse contar a sua história, apresentando no videoprojector da biblioteca os desenhos que ela própria executou para a ilustrar “Estou um bocadinho nervosa, passas os desenhos enquanto conto a história? Eu digo-te para mudares”; uma dramatização da história “*O Jardim do arco-íris*” de Manuela Ribeiro, preparada em colaboração com as estagiárias finalistas do curso de Educação de Infância e apresentada às mães no Dia da Mãe, partilhando com elas também esta história que foi explorada no Jardim de Infância, as crianças estavam felizes e não se cansavam de dizer “Vai ser uma surpresa, hoje nós é que contamos a história às mães”.

A Semana da Leitura aconteceu também na nossa escola, tendo sido organizada por uma equipa da qual eu fazia parte. Foram desenvolvidas diversas actividades em prol do livro e da leitura, em articulação com as turmas e os professores do 1º ciclo, das quais destacamos, os encontros com os escritores – Álvaro Magalhães e António Mota que decorreram no nosso Agrupamento. Esses momentos acabaram por assumir um papel muito importante na formação destes pequenos leitores, na medida que não se limitaram a simples sessões de perguntas de retórica elaboradas para o efeito, mas sim a encontros entre alunos e escritores baseados na leitura e exploração prévia de algumas obras, assim como na pesquisa sobre os respectivos autores. As crianças, pelo seu lado, contactaram directamente com eles, ficaram a conhecer aspectos interessantes sobre a sua biografia, e também sobre a sua obra, manifestaram as suas opiniões pessoais sobre os livros que já conheciam e que requisitaram para ler em casa com os pais, referiram-se às suas preferências, que em alguns casos se centravam na poesia, e quiseram saber quais o géneros que mais gostavam de escrever e porquê. Como pudemos constatar nos dias subsequentes, estes temas faziam parte das conversas das crianças que alargaram os seus conhecimentos e aumentaram as suas competências como leitores. De referir que, por vezes, os pais comentavam um pouco admirados que os seus filhos falavam

frequentemente em autores e nomeavam alguns livros que eles tinham escrito, salientando as suas preferências e referindo que já tinham sido lidos na escola.

O recital de poesia e a participação em sessões de apresentação de livros, são exemplos de outras actividades em que participamos e que mais uma vez, facultaram à criança uma aproximação ao livro e à leitura que lhe proporcionou momentos agradáveis, tendo em conta os textos que a criança gosta, pois para que se tornar num bom leitor tem que ser cativada pela leitura e conseqüentemente gostar daquilo que lê. No que se refere especificamente ao recital, participamos com a poesia “*A cavalgada*”, de António Mota e que as próprias crianças escolheram, de entre as várias que faziam parte do livro **Sal, Sapo, Sardinha**. Foi preparada pelo grupo, articulando as intervenções de cada um, mas no dia da apresentação questionei-os sobre se queriam ou não apresentar, e se, se sentiam preparados, a resposta não se fez esperar “Nós sabemos tudo, até estudamos em casa.” Fiquei sem palavras, não estava à espera disto.

Ao longo do nosso projecto e para além da articulação estabelecida com as famílias e com o 1º ciclo, foi também nosso objectivo fazer um aproveitamento dos recursos do meio envolvente. Assim sendo, e tendo em conta que a Biblioteca Pública se situa a curta distância da nossa escola, mas que segundo apurámos nos questionários que aplicámos apenas é frequentada regularmente por 30% das famílias, optamos por proporcionar à criança uma visita que teve como principal objectivo dar-lhe a conhecer o espaço, o seu funcionamento, os recursos e serviços que disponibiliza, incentivando-as a visitá-la com os pais e a usufruir de mais esta forma de contacto com o conhecimento e a informação, familiarizando-se com ela. Mal entraram no espaço, as crianças depararam-se com um placard onde se destacava um escritor e a sua obra, e foi imediato “Olha, é o Álvaro Magalhães, já viste, está ali o **Limpa Palavras**, nós já lemos alguns poemas”.

Associada ao Projecto do Património da Cidade do Porto, e numa tentativa de conhecer mais um espaço onde habita o livro, e que inclusivamente, é considerada uma das mais belas livrarias do mundo, visitámos a Livraria Lello (ver anexo B – imagem 6). Foi fascinante verificar, o

apurado sentido estético das crianças que admiravam e captavam pormenores da arquitectura do prédio e do seu interior, mas que apesar disso não deixaram de apreciar os livros, folheando, manuseando e descobrindo alguns que conheciam, “Olha o livro do Saramago, *A maior flor do mundo*, nós não temos”, e segundo elas era necessário comprar.

Sabemos que tanto a escrita como a leitura, fazem parte do quotidiano da criança que desde uma idade muito precoce é confrontada com elas, em diversos contextos e situações. Gradualmente, vai-se apercebendo que aquela mancha gráfica constituída por uma série de símbolos indecifráveis, e que ela tenta reproduzir nas suas representações e garatujas, pretende transmitir uma mensagem, e aos poucos, vai tomando contacto com as suas funcionalidades e desenvolvendo uma certa vontade de aprender a ler e a escrever.

Num projecto de promoção da leitura e da literacia é completamente impossível dissociar as duas coisas, leitura e escrita estão interligadas, daí que neste contexto tenham sido realizadas duas actividades de escrita - Escrita Criativa.

A primeira surge no desenvolvimento da partilha de um livro, em que as crianças foram desafiadas a descobrir a história a partir do título *O Elefante cor-de-rosa*, o que implicou a criação de um texto em que este fosse a personagem principal. Ao construirmos a narrativa, surgiu a necessidade de elaborarmos o seu registo, e então passámos à escrita, as crianças ditavam e eu escrevia (ver anexo B – imagem 4). Leopoldina Viana (2002) refere que “o conto e o reconto (registados) desenvolvem e implicam grandes habilidades linguísticas” (Viana, 2002, p.52), e que por outro lado ajudam a criança a compreender as funcionalidades da escrita e a sua relação com a oralidade. Deste modo, ao longo de todo o processo de construção da história, as crianças foram-se socorrendo da sua imaginação, da associação de ideias e ainda de imagens relacionadas com outras histórias que consideraram enquadrar-se nesta nova narrativa. De facto, o resultado foi bastante interessante e do agrado de todos, e quando no outro dia ouvimos a verdadeira história de Luísa Dacosta, tivemos oportunidade de estabelecer comparações e

verificar a existência de pormenores comuns, para além da personagem principal.

A segunda actividade envolveu a família, esta foi implicada na construção de um texto colectivo, a partir de uma “mala misteriosa” que foi percorrendo as casas das diversas crianças (ver anexo B – imagem 5). A mala apareceu “acidentalmente” no cabide de uma das crianças, com a indicação de que deveria ser levada para casa e que só poderia ser aberta na presença dos pais, no seu interior encontravam-se diversos objectos, e a partir de dois deles as famílias deviam dar início a uma narrativa que conduziria à descoberta de um segredo, associado a uma das casas que tínhamos descoberto no nosso projecto do Património e cuja fotografia fazia parte dos objectos da mala. Envolta numa certa magia, pois a mala aparecia sempre do nada e ninguém sabia como surgia nos cabides, a história e o conteúdo eram mantidos num perfeito secretismo por parte das crianças, não que isso fosse uma condição essencial para prossecução da actividade, mas porque as próprias crianças optavam por manter a curiosidade e o suspense das que ainda não tinham participado. Notámos um grande envolvimento por parte de todos, os próprios pais perguntavam, frequentemente, pelo desenrolar da trama, e se teriam acesso ao resultado final que se espera seja fantástico e maravilhoso. Como a mala ainda não regressou da sua viagem, o projecto terá que continuar...

No decorrer do projecto procedemos à organização de um portefólio com o registo das actividades, realizado com as crianças e os trabalhos elaborados, e que em certa medida reflecte as características e a evolução da participação dos pais (ver anexo C – Portefólio).

Para encerrar este projecto (este ano lectivo) e para que algo marcasse a dedicação, o empenho e envolvimento de todos, elaborámos e distribuímos uns marcadores de livros personalizados, ilustrados com uma imagem de um trabalho ou de um livro relacionado com a família, e certificados de participação (ver anexo B – imagens 7 e 8).

7. RECURSOS

Os recursos materiais utilizados neste projecto foram, essencialmente, o fundo documental da Biblioteca escolar, as novas tecnologias da informação e materiais de expressão plástica e de desperdício.

Em termos de recursos humanos, para além do coordenador da BE, da Educadora (autora deste projecto) e das auxiliares de acção educativa, participaram também as estagiárias finalistas do curso de Educação de Infância.

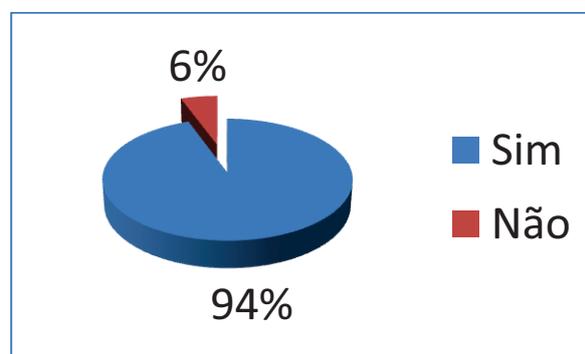
No que concerne a recursos financeiros, estes não foram necessários pois as actividades desenvolvidas não implicaram custos, para além dos materiais de utilização diária no Jardim de Infância.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação deve abranger todo o processo desde a concepção do projecto, passando pelo seu desenvolvimento e terminando na sua finalização, ou seja, no momento em que devemos verificar o seu sucesso, o que implica analisar todas as evidências do que foi alcançado.

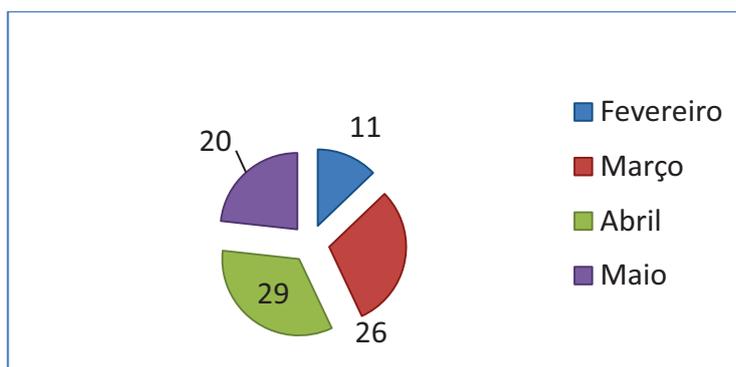
Neste sentido, baseados nos registos de requisição de livros e de participação nas actividades de promoção de leitura, analisámos alguns indicadores previamente estabelecidos, que nos permitiram avaliar o sucesso do nosso projecto: o número de famílias que aderiram ao projecto, o número de presenças dos pais na biblioteca; o número de livros requisitados por família; o número de pais a participar nas actividades de promoção de leitura, propostas pelo Jardim de Infância.

Gráfico 19 - Distribuição das famílias de acordo com a sua participação no projecto



Analisando o gráfico 19, verificámos que em termos de participação no projecto os resultados foram muito relevantes, na medida em que tivemos a participação de 94% das famílias e apenas uma não participou, tendo a criança participado apenas nas actividades desenvolvidas no jardim de Infância.

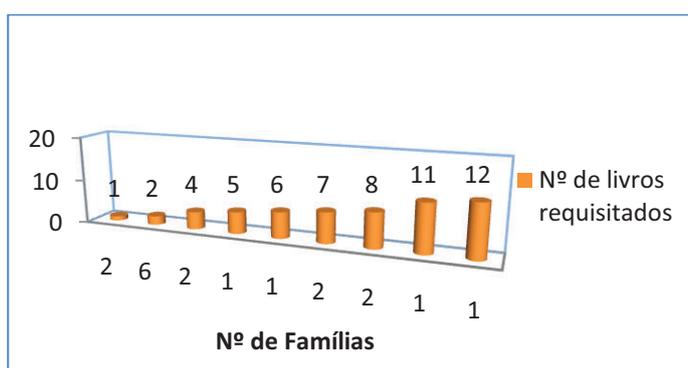
Gráfico 20 - Distribuição por meses dos livros requisitados ao longo do projecto



Classe Modal – Abril

No que se refere ao número de livros requisitados mensalmente, e analisando o gráfico 20, pudemos constatar que no primeiro mês (Fevereiro) foram requisitados 11 livros, o que é bastante significativo, atendendo a que a actividade foi iniciada apenas no dia 18 desse mês. Registou-se no entanto uma evolução bastante significativa, nos meses subsequentes, tendo sido requisitados respectivamente 26 e 29 livros nos meses de Março e Abril, registando-se uma ligeira descida no mês de Maio, pois coincidiu com o desenvolvimento de várias actividades e projectos característicos de final do ano.

Gráfico 21 - Distribuição das Famílias de acordo com o número de livros requisitados ao longo do projecto

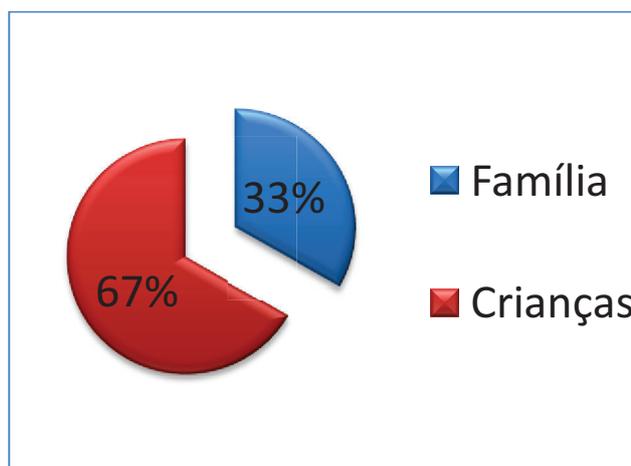


Classe Modal – 2 livros por família

Relativamente ao número de livros requisitados por família ao longo do projecto, os resultados são bastante variáveis, pois passam por famílias que

requisitaram unicamente um livro (n=2), seis que requisitaram dois (n=6), duas que requisitaram quatro (n=2), uma que requisitou cinco (n=1), uma que requisitou seis (n=1), duas que requisitaram sete e oito respectivamente (n=2 e n=2), uma que requisitou onze e uma que requisitou 12. Pudemos então saber que foram requisitados 86 livros por 18 famílias, variando entre 1 e 12 livros requisitados por família, a classe modal é de 2 livros (n=6).

Gráfico 22 - Distribuição das Famílias e das crianças de acordo com a participação nas actividades de partilha de leitura



Tendo em conta os resultados apresentados no gráfico 22, relativo à participação nas actividades de partilha de leituras, pudemos constatar que 67% das histórias foram partilhadas no Jardim de Infância pelas crianças e 33% por um familiar que se deslocou à escola para o efeito. Muito embora sendo as crianças a fazê-lo numa maior percentagem, não podemos deixar de referir o trabalho realizado em casa pela família sem o qual a criança não poderia concretizar a actividade, pois para contar a história ela tinha que a saber e dominar o seu conteúdo. Apesar dos dados, devo referir que houve pais que não vieram à escola simplesmente porque não tiveram disponibilidade, mas que no entanto se interessaram e empenharam no projecto. Por outro lado, queremos também salientar que, dado o grande envolvimento no projecto, por vezes, era difícil gerir as actividades e conciliar com o trabalho diário da sala, daí que não tivesse sido possível aumentar o número destas actividades.

Na tabela 18 abaixo indicada, pudemos analisar em pormenor a participação das famílias ao longo dos meses nesta actividade, e as histórias que foram trabalhadas.

Para que a identidade dos intervenientes fosse preservada, foram atribuídos números às famílias.

Tabela 18 - Actividades de partilha de leitura por meses e por família

Famílias	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Total de Histórias
1		"Adoro-te de todas as cores"	Hora do conto com acompanhamento musical "O casamento da gata" (Mãe)		2
2		"Sapo é sapo"; "O sapo apaixonado"- teatro de fantoches	"Uns óculos para a Rita" PowerPoint " O H perdeu uma perna"	"Pluma vai de viagem" "Vou a casa do Jaime"	6
3				"Elmer"	1
4		Hora do conto " O diabo do mar" (pai)			1
5		Leitura de História "Eu quero um amigo" (avó)	Leitura da história "Os ovos misteriosos" (irmão e amigo)		2
6		"O leão e o canguru"			1
7		Leitura de história "O gato e o rato" (mãe)	Leitura de história (com apoio de fantoches) "A Galinha medrosa" (mãe)		2
8		"A ovelha veio para jantar" "O traje novo do rei"	"O ratinho Marinheiro"		3
9			"Pluma vai de barco"	"Chape, Chape, Chape" "Os ratinhos do mar"	3
10		"O casamento da gata"	"O elefante Cor-de-rosa" "O Grilo verde" "O coelho branquinho e a forrabiga"		4
11		Leitura de História "O sapo encontra um amigo" (mãe)			1
12	Leitura de história "Vamos Fazer Amigos" (mãe)			"O Pinto Careca" "O Gato comilão"	3
13		"Eu quero um amigo"		"A Carochinha e o João Ratão" (irmã)	2
14		Leitura da História "A girafa que comia estrelas" (pai)			1
15					
16		"Agora não Duarte"			1
17		Leitura da história "O rato Renato diz mentiras" (irmã)	Leitura de história "Raposo Raposinho" (irmã)		2
18		"Elmer e Alber"- com apoio de fantoches		Hora do conto -"O Sonho da Mariana" (mãe)	2
19			"Bernardo faz birra"	"Franklim Ajuda o próximo"	2
Total	1	16	12	10	39

 História contada pela criança - 26

 História contada pela família - 13

Fazendo uma análise genérica, no que diz respeito a estes indicadores, pudemos aferir que os resultados foram bastante positivos; conseguimos abrir as portas da nossa biblioteca às famílias e elas aproveitaram, usufruindo assim da oportunidade que lhes era dada. Criaram-se hábitos de frequência de biblioteca e de requisição de livros, em maior ou menor número todos o fizeram com excepção de uma família. Quando não podiam vir os pais, vinham os avós, se não podia vir a mãe vinha o pai e os filhos lá estavam para os lembrar e incentivar, e partilhar com eles aqueles momentos especiais.

O projecto foi alvo de frequentes avaliações com as crianças

- As opções, decisões e trabalhos desenvolveram-se num clima de cooperação mútua e de responsabilidade partilhada.
- Procurou-se atribuir à criança um papel activo, uma vez que ela é construtora do seu próprio conhecimento.
- A sua participação activa, interessada e empenhada foram indicadores muito úteis e reveladores do seu interesse para dar continuidade às actividades desenvolvidas.

No final fizemos a avaliação, no dia 8 de Junho reunimos o grupo para falar do nosso projecto, o que gostaram, o que não gostaram, os livros que leram, os autores que conheceram, o que aprenderam...

Todos concordaram que gostaram muito e aprenderam muitas coisas, mas para uma melhor sistematização e análise dos dados procurámos organizá-los sob a forma de tabela.

Tabela 19 - Distribuição das crianças de acordo com os itens avaliados

Avaliação das crianças – O que gostámos mais no Projecto	Nº	%
Ler muitos livros de autores portugueses e estrangeiros	16	84%
Requisitar livros com os nossos pais	18	94%
Ajudar a preencher a requisição	8	42%
Ler em casa com os nossos pais	18	94%
Conhecer os escritores	16	84%
Visitar a livraria Lello	17	89%
Visitar a Biblioteca Almeida Garrett	17	89%

“Gostámos de tudo e queremos continuar...”

Analisando a tabela 19 e de acordo com os itens apontados pelas próprias crianças, pois a nossa avaliação foi oral e nós limitámo-nos a observar e registar os dados, pudemos verificar que elas gostaram realmente de tudo, muito embora os itens que foram apontados com mais frequência fossem a requisição de livros com os pais e a leitura feita em casa com os pais, o que veio de encontro aos nossos objectivos e que esperamos tenha reforçado os hábitos de leitura em família.

No que se refere aos autores que conheceram, referiram vários, principalmente portugueses, mas aquele que realmente mais os marcou e que todos admitiram gostar bastante foi a Luísa Ducla Soares. Em relação aos livros, também foram apontados vários, mas um houve que mereceu o consenso geral, *O ratinho marinho* de Luísa Ducla Soares.

Como já tinha sido previsto, e numa fase final, foi novamente aplicado aos pais um questionário para avaliação do projecto (ver anexo A – doc.4), constituído por perguntas abertas e fechadas, do qual apresentamos em seguida, o tratamento estatístico dos dados e respectiva análise descritiva.

Foram distribuídos dezoito questionários e recepcionados quinze, o que continua ser uma percentagem bastante significativa.

Em termos de avaliação foi importante, para nós, aferir se os pais consideravam que o projecto desenvolvido veio incentivar nos seus filhos, o gosto pelo livro e pela leitura.

Tabela 20 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o facto de o projecto ter incentivado o gosto pelo livro e pela leitura

Considera que o projecto de Leitura veio incentivar no(a) seu (sua) filho(a), o gosto pelo livro e pela leitura?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
15	100 %	0	0 %

Classe Modal – Sim

E verificando os dados obtidos, na tabela 20, pudemos apurar que 100% dos inquiridos admitiram que sim.

Os inquiridos emitiram ainda a sua opinião no que se refere à influência que a requisição de livros na BE possa ter tido no incentivo à prática de leitura familiar.

Tabela 21 - Contributo das requisições na BE para a leitura Familiar

A possibilidade de requisitar livros na BE contribuiu para incentivar a prática de leitura familiar?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
14	93 %	1	7 %

Gráfico 23- Contributo das requisições na BE para a leitura familiar



Classe Modal – Sim

E de acordo com a tabela 21 e o gráfico 23, verificámos que 93% dos inquiridos referiram que sim e que apenas 7% disseram que não, pois consideraram que a leitura em família já era uma prática corrente.

É importante salientar que quando inquiridos, “Se sim, em que medida?”, as respostas foram múltiplas, mas bastante significativas: “lê-se mais”, “aprendemos a ler e a contar em família e não cada um por si”, “antes de dormir leio sempre um livro”, “passo aquele tempo de leitura dedicado só a eles” e “tornou-se um hábito a requisição de livros”.

Tabela 22 - Compatibilidade do horário de requisições com a disponibilidade das famílias

O horário de requisições estabelecido era compatível com a vossa disponibilidade?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
15	100 %	0	0 %

Classe Modal – Sim

Relativamente ao horário das requisições, foi considerado adequado por 100% dos inquiridos, como pudemos verificar na tabela 22.

Tabela 23 - Influência da frequência da BE na formação do leitor

Considera que a frequência da Biblioteca escolar com o seu (sua) filho(a) poderá influenciar a sua formação como leitor?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
15	100 %	0	0 %

Classe Modal – Sim

Relativamente à influência da frequência da BE, por parte da família com a criança, na sua formação como leitor, 100% dos inquiridos responderam que sim, como pudemos constatar na tabela 23. E quando questionados “ Se sim, de que forma?”, abordaram aspectos bastante importantes e significativos, nomeadamente: “fomenta o gosto e o respeito pelos livros”, “ficam a conhecer vários livros na medida que requisitam”, “gosto por ler, por explorar”, “enriquece o vocabulário”, “por criar o hábito de frequentar a biblioteca e de se sentir familiarizada com o espaço e com os livros”, “alguém do agregado familiar é “obrigado” a contar a história” e “gosto pela leitura, encarar a leitura como uma actividade lúdica”.

Gráfico 24 - Aumento dos pedidos de de histórias por parte das crianças



Classe Modal – Sim

Tabela 24 - Aumento do pedido de leitura de história por parte das crianças

O(a) seu (sua) filho(a) pede-lhe que lhe leia histórias com mais frequência?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
14	93 %	1	7 %

Para melhor avaliarmos o nosso projecto, e a influência que o trabalho desenvolvido a nível do Jardim de Infância poderá ter tido na alteração dos hábitos de leitura em família, foi importante para nós verificar se as crianças pediam aos pais que lhe lessem histórias com mais frequência. Neste caso, e de acordo com o gráfico e tabela 24, 93% dos inquiridos consideraram que sim

e apenas 7% referiram que não, o que parece indicar que realmente é possível influenciar a leitura em família, através de actividades de promoção da leitura.

Este facto vem confirmar a nossa segunda hipótese de que a partilha de leitura em família desenvolvida a partir do Jardim de Infância potencia a promoção de hábitos de leitura.

Gráfico 25 - Alteração dos hábitos de leitura em Família

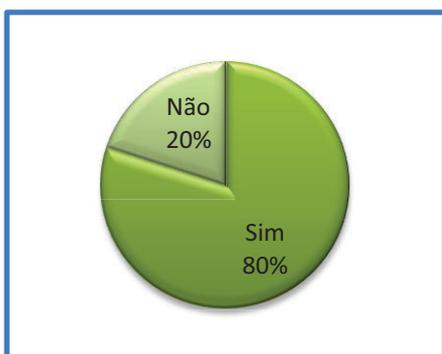


Tabela 25 - Alteração dos hábitos de leitura em Família

Os hábitos de leitura familiar foram alterados?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
12	80%	3	20%

Classe Modal – Sim

Ainda neste âmbito, questionámos as famílias sobre a alteração dos hábitos de leitura em família e o gráfico e tabela 25 permitiram-nos apurar que 80% dos inquiridos admitiram que se registaram mudanças, salientando ainda diferentes aspectos, designadamente: “o pai também lhe lê”, “lemos mais livros”, “ler todos os dias uma história”, “da participação e interesses de todos”, “a leitura passou a ser diária”, “tornaram-se ainda mais frequentes” e “fala-se mais em autores, em livros, na leitura”.

Tabela 26- Interesse e motivação das actividades

As actividades desenvolvidas foram interessantes e motivadoras?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
15	100 %	0	0 %

Classe Modal – Sim

No que diz respeito às actividades desenvolvidas, a tabela 26 permitiu-nos avaliar se os pais as consideraram interessantes e motivadoras. Pudemos constatar que 100% consideraram que sim, referindo inclusivamente as que

mais gostaram, nomeadamente a partilha de leituras e a requisição de livros: “a partilha da leitura”, “a “leitura” do livro pelos meninos aos seus colegas”, “todas as actividades foram interessantes e relevantes para a minha educanda”, “o dia da requisição e escolha do livro era motivador para o meu filho” e “ir à sala de aula contar uma história”.

Tabela 27 - Relação com a leitura

Considera que o(a) seu (sua) filho(a) estabeleceu uma relação mais afectiva com a leitura?			
Sim		Não	
Nº	%	Nº	%
15	100 %	0	0 %

Classe Modal – Sim

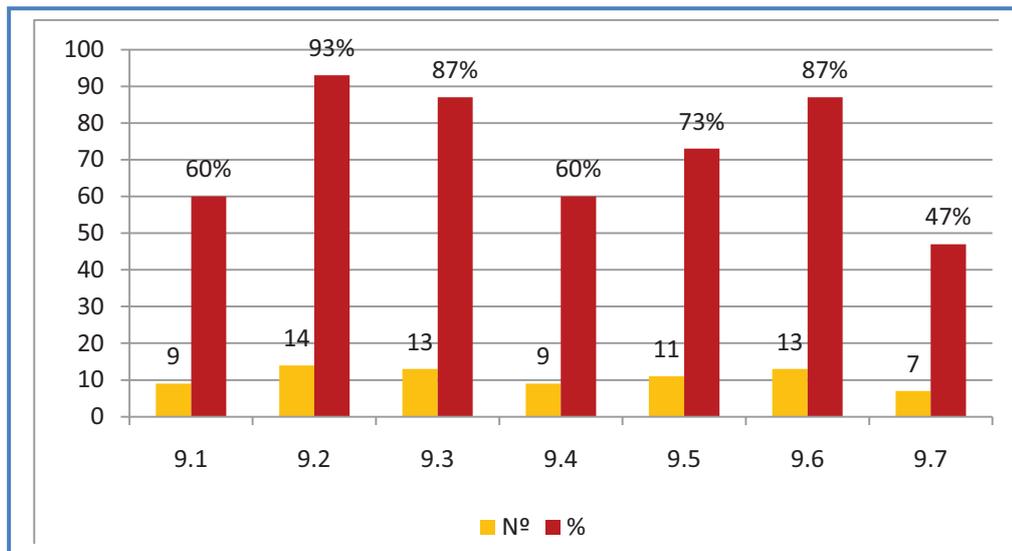
Os inquiridos, na sua totalidade, referiram considerar que os filhos estabeleceram uma relação mais afectiva com a leitura, como pudemos constatar na tabela 27.

Para finalizar, seleccionámos alguns aspectos que considerámos mais relevantes, na atitude das crianças face à leitura e pedimos aos pais para fazerem a sua avaliação.

Tabela 28 - Alteração da atitude da criança face à leitura

	Na sua opinião a atitude do(a) seu (sua) filho(a) face à leitura foi alterada, na medida em que (pode assinalar mais do que uma opção):	Nº	%
9.1.	A comunicação foi estimulada	9	60%
9.2.	O vocabulário foi desenvolvido e enriquecido	14	93 %
9.3.	Aprendeu a identificar as personagens	13	87 %
9.4.	Sabe reconhecer diferentes autores de Literatura Infantil e as suas obras	9	60 %
9.5.	Exercitou a sua capacidade de memorização textual	11	73 %
9.6.	Compreende e reconta as histórias	13	87 %
9.7.	Passou a ler mais livros.	7	47 %

Gráfico 26 - Alteração na atitude da criança face à leitura



Constatámos na tabela 28 e no gráfico 26 que 93% dos pais consideraram que o vocabulário foi desenvolvido e enriquecido, 87% referiram que os filhos aprenderam a identificar as personagens e compreendem e recontam as histórias, 73% admitiram que a capacidade de memorização textual dos filhos foi exercitada e 60% reconheceram que a comunicação foi estimulada e que as crianças identificam diversos autores e as suas obras.

Fazendo uma breve reflexão sobre os dados obtidos na avaliação dos pais, é de admitir que o projecto desenvolvido veio alterar os hábitos de leitura em família, na medida em que, como eles próprios referiram, passaram a ler mais, os filhos pedem-lhes para lhes lerem mais histórias (93%), o momento de requisição era especial para os filhos e foi considerado um incentivo à leitura familiar por 93% dos inquiridos.

9. DISSEMINAÇÃO

Uma das vertentes que pretendíamos desenvolver neste projecto pressupunha a abertura da BE aos pais das crianças de um grupo do Jardim de Infância, para que pudessem usufruir dos seus serviços. O objectivo inicial foi concretizado, criou-se um horário específico para o efeito, os pais aderiram e agora é prosseguir o caminho, e subir os degraus desta escada da educação que são os níveis de ensino.

Pensando que a biblioteca de um agrupamento não é a biblioteca de cada escola, mas sim o conjunto dos diferentes pólos que ele possui, o nosso trabalho não pode ficar por aqui. Dando continuidade ao que foi realizado este ano, pretendemos no próximo alargá-lo ao primeiro ciclo, mas de uma forma gradual, para que os hábitos se vão criando de um modo consistente. Neste sentido, será feita uma divulgação do projecto junto dos colegas do 1º ciclo que irão receber turmas do 1ºano, sensibilizando-os para a sua pertinência e para a necessidade de lhe dar continuidade nos anos subsequentes, cimentando as relações estabelecidas pelas famílias com a biblioteca escolar, e contribuindo para a formação de leitores competentes.

Este projecto poderá ser continuado posteriormente, estendendo-se à escola básica e secundária, sendo dirigido a outros níveis de ensino, permitindo que progressivamente as BE do agrupamento apoiem não só a comunidade escolar, mas toda a comunidade educativa, promovendo a literacia e desenvolvendo hábitos de leitura.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projecto envolveu as famílias de quase todas as crianças as quais assumiram um papel bastante activo, possibilitando desta forma a concretização dos objectivos inicialmente propostos. Por sua vez, as crianças deixaram-se conquistar completamente pelo livro e pela leitura, assumindo inteiramente o papel de leitor e de utilizador da biblioteca, “pressionando” inclusivamente os pais quando eles se esqueciam ou não estavam muito disponíveis para as actividades.

Foram momentos muito intensos de partilha, de fruição, de prazer e gosto pela leitura e ao mesmo tempo ricos em situações de aprendizagem; não estamos a pensar em escolarização propriamente dita, num sentido restrito, mas sim na aquisição de competências, através da exploração lúdica do livro e da leitura.

Aprender a aprender, foi o que todos nós fizemos e aqui não nos referimos ao pequeno grupo de crianças, nem tão pouco às famílias, mas sim a todos nós que nos envolvemos, que participámos, que partilhámos as nossas leituras, os nossos livros, a nossa biblioteca e o nosso conhecimento, e tudo isto, em prol da construção do conhecimento colectivo.

A problemática deste projecto é algo que nos preocupa. A iliteracia numa sociedade de informação e conhecimento é algo que nos assusta, muito mais se pensarmos que as crianças de hoje são os adultos de amanhã e que nos compete a nós, educadores, formar cidadãos conscientes, interventivos, capazes de aceder à informação, transformando-a em conhecimento. E tudo isto passa necessariamente pela leitura, que não é obrigatoriamente feita nos livros, mas sim em todas as fontes de informação que uma sociedade moderna nos pode proporcionar.

O projecto que desenvolvemos não foi inovador pois são muitos os estudos e projectos desenvolvidos nesta área; o contexto em que intervimos também não se pode considerar carenciado, todavia pensamos que carenciados não são apenas aqueles que não têm, mas também aqueles que

têm e não usufruem. E neste sentido nós investimos. De que serve ter muitos livros se não os lemos, se não embarcamos na aventura de os descobrir, de interagir com eles apropriando-nos da mensagem que nos podem transmitir?

Temos uma biblioteca na escola, geograficamente encontramos-nos pertíssimo da Biblioteca Pública e quantos são utilizadores assíduos? Quantos são aqueles que procuram lá a informação de que necessitam para a sua formação pessoal e profissional? Quantos de nós recorrem à Fnac e não à Biblioteca, e porquê? Talvez porque não criámos hábitos de frequência destes espaços, porque não estamos familiarizados com eles, ou não sabemos aceder à informação que nos disponibilizam. Quantas famílias procuram estes espaços para partilhar a leitura com os seus filhos, discutindo e analisando as histórias, usufruindo de momentos de acalmia no final de um dia *stressante* de trabalho, ou numa tarde do seu fim-de-semana? São poucas, mas já são algumas.

No desenvolvimento deste projecto, vivemos muitas situações, umas mais gratificantes outras menos, mas tivemos oportunidade de observar avós “deliciadas” com os livros que descobriam na BE, que estavam tão ou mais entusiasmadas que os próprios netos, e que elas próprias quiseram requisitar, para si, livros de poesia porque a literatura não escolhe idade e para se ler é preciso gostar do que se lê; pais, que ao fim de muitos anos, encontraram livros da sua infância e que foram acometidos de uma certa saudade e nostalgia; crianças perfeitamente delirantes com tantos livros que nem sabiam qual escolher e que no final não queriam ir embora, pois ali mesmo queriam aproveitar para o pai lhes contar uma história; e pudemos constatar mais uma vez, o quão importante é partilharmos e rentabilizarmos os recursos, o quanto é pertinente este projecto. Por um lado, porque vem permitir aos que querem ler e diversificar as suas leituras, fazerem-no com mais frequência; e por outro, dar um pequeno “abanão” àqueles que se deixaram atacar pela passividade e se afastaram a si e aos seus filhos da magia do livro e da fantasia.

É tempo de reflectir, de avaliar, e de verificar se os objectivos a que nos propusemos foram ou não atingidos. Nesse sentido, iremos começar por analisar os objectivos específicos à medida que foram sendo trabalhados, ao longo da nossa intervenção. Para uma melhor explicitação dos resultados,

resolvemos agrupar os objectivos, tendo em conta a relação existente entre eles.

Objectivo: Consciencializar a família para a necessidade de partilhar responsabilidades com a escola na formação de leitores competentes;

Objectivo: Sensibilizar os pais para a importância da leitura no aumento dos níveis de literacia.

Em relação aos dois objectivos referidos anteriormente penso poder afirmar que foram conseguidos, na medida em que o grau de adesão e participação das famílias no projecto, apurado a partir dos registos de requisições e participação nas actividades, foi bastante elevado (94%), o que corresponde a dezoito das dezanove famílias das crianças envolvidas; por outro lado, os próprios pais no questionário de avaliação do projecto referiram que, este foi “da participação e interesses de todos”, e que em casa “fala-se mais em autores, em livros, na leitura”.

Objectivo: Aumentar o contacto dos pais com a biblioteca escolar;

Objectivo: Aumentar o conhecimento de pais e alunos no domínio dos utilizadores;

Objectivo: Fomentar momentos de cumplicidade na requisição e partilha do livro;

Objectivo: Aumentar o contacto das crianças com os livros em contexto familiar.

No que se refere a estes objectivos relacionados com o conhecimento, frequência e requisição de livros na BE, pudemos verificar que, em três meses e meio, foram requisitados pelas famílias 86 livros na biblioteca e a frequência desta foi apontada por 100% dos pais inquiridos, como um factor importante na formação dos seus filhos como leitores. Esta constatação é confirmada pelas respostas às perguntas abertas do questionário de avaliação, em que os próprios pais justificaram esse facto “por criar o hábito de frequentar a biblioteca e de se sentir familiarizada com o espaço e com os livros”, porque “ficam a conhecer vários livros na medida que requisitam” e, salientaram ainda,

porque ” o dia da requisição e escolha do livro era motivador para o meu filho” e ”tornou-se um hábito a requisição de livros”.

Para além dos aspectos relacionados com a frequência da BE, 93% das famílias consideraram que a possibilidade de requisitar livros veio incentivar as práticas de leitura familiar, e por outro lado, o contacto das crianças com os livros em contexto familiar foi também aumentado, na medida em que, e como é referido pelas famílias, “lê-se mais”, ”aprendemos a ler e a contar em família e não cada um por si”, “antes de dormir leio-lhe sempre um livro”, “passo aquele tempo de leitura dedicado só a eles”.

Objectivo: Incentivar o gosto pelo livro e pela leitura;

Objectivo: Valorizar o potencial do livro na articulação dos saberes;

Objectivo: Levar as famílias a participar no processo de promoção de leitura;

Objectivo: Incentivar os pais a acompanhar os filhos na descoberta do prazer de ler e a partilhar com eles, através do diálogo, o conteúdo das obras.

Relativamente aos quatro últimos objectivos, podemos referir que foram desenvolvidas diversas actividades, em colaboração com as famílias, nomeadamente a partilha de leitura em que todas participaram, com vista à sua operacionalização, sendo que 33% das histórias foram partilhadas no Jardim de Infância pelas famílias, tendo estas vindo à escola contar a história, e 67% foram as crianças a fazê-lo depois de, em casa, as explorarem com os pais. Na sua avaliação, 100% dos pais consideraram que as actividades desenvolvidas foram interessantes e motivadoras, designando inclusivamente as que mais gostaram: “ a partilha da leitura”, “a “leitura” do livro pelos meninos aos seus colegas”, “todas as actividades foram interessantes e relevantes para a minha educanda”, “ ir à sala de aula contar uma história”. Estes dados levaram-nos a concluir que também estes objectivos foram atingidos, na medida em que a participação das famílias no processo de promoção da leitura, a partilha com os filhos das histórias e o desenvolvimento do gosto pela leitura foram uma realidade.

Fazendo uma pequena reflexão sobre todos os aspectos referidos, podemos considerar que o nosso objectivo geral foi atingido, na medida em que foi possível envolver os pais em actividades de promoção de leitura, e até, levá-los a participar activamente, com vista a melhorar os níveis de literacia das crianças.

E tudo isto levou-nos à nossa pergunta de partida - Em que medida o Jardim de Infância poderá influenciar e aumentar a leitura em família?

Neste momento, tendo por base os dados obtidos, pensamos poder afirmar que o Jardim de Infância desempenha um papel crucial na promoção da leitura em família pelo envolvimento e influência que exerceu sobre ela. Facto este confirmado por 100% das famílias inquiridas, que consideraram que o projecto desenvolvido incentivou no seu filho o gosto pelo livro e pela leitura, 93% disseram que os filhos lhe pediam para ler histórias com mais frequência e 80% referiram que os hábitos de leitura familiar tinham sido alterados, apontando alguns aspectos mais significativos, tais como: “o pai também lhe lê”, “lemos mais livros”, “a leitura passou a ser diária”.

No que se refere às hipóteses que colocámos, no início da nossa investigação, tendo por base os questionários aplicados aos pais e às crianças, pensamos poder afirmar que a hipótese 1 (O Jardim de Infância, e nomeadamente o professor/educador, tem um papel fundamental na aproximação da criança ao livro e à leitura) é confirmada, na medida em que, como já referimos anteriormente, quando inquiridos os pais e as mães das crianças sobre quem os incentivou à leitura, 50% dos Pais e 73% das Mães referiram o professor. O pai e a mãe surgiram em segundo plano e com percentagens muito baixas. O que nos levou a concluir que, já no tempo dos avós destas crianças, o professor tinha um papel fundamental na aproximação da criança ao livro e à leitura. Esta hipótese é também confirmada no questionário aplicado às crianças, quando a educadora foi referida pela maioria (88%) como uma das pessoas que lhe contava histórias, posição esta que era partilhada com a mãe, referida, também, por igual percentagem das crianças, o que nos levou a concluir que, actualmente, começa a existir uma certa partilha de responsabilidades com a escola por parte das famílias.

Relativamente à hipótese 2 (A partilha da leitura em família, desenvolvida a partir do Jardim de Infância, potencia a promoção de hábitos de leitura nas crianças), pensamos poder confirmá-la através dos dados obtidos no questionário de avaliação aplicado aos pais, em que procurámos perceber se a partilha da leitura familiar desenvolvida a partir do Jardim de Infância tinha potenciado alterações dos hábitos de leitura em família; foi importante para nós verificar que 88% dos pais admitiram que os hábitos de leitura familiar tinham sido alterados e que a maioria dos inquiridos (93%) referiram que os filhos lhe pediam para ler histórias com mais frequência, o que parece indicar que realmente é possível influenciar a leitura em família, através de actividades de promoção da leitura e confirmar a nossa hipótese.

Deste projecto de investigação-acção conclui-se, pois, que a realização de actividades de animação e promoção da leitura a partir do jardim-de-infância, utilizando os recursos da biblioteca escolar e contando com a colaboração das famílias resulta francamente em mudanças de atitude no campo dos hábitos de leitura, quer individuais, ao nível das crianças, quer familiares, no âmbito das famílias, considerando cada membro individualmente e em conjunto.

Os resultados finais fazem-nos acreditar que vale a pena continuar, que um projecto destes não é para alguns meses, mas sim para alguns anos, pois só assim se conseguem criar hábitos de leitura sustentados, formar leitores competentes e rentabilizar os recursos da informação colocando-os ao serviço da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bravo, R. Sierra (2001). *Técnicas de Investigación Social: Teoría y Ejercicios*. Espana: Paraninfo
- Cortesão, Luíza; Stoer, Stephen (1997). Investigação-acção e a Produção de Conhecimento no Âmbito de uma Formação para Professores para a Educação Inter/Multicultural. *Educação, Sociedade e Culturas*, 5: 7-28.
- Ferreira, Sandra (2008). *O Plano Nacional de Leitura e a promoção de hábitos de leitura nas Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico: Um estudo de caso*. Tese de Mestrado, Departamento de Ciências da Educação e Património, Universidade Portucalense, Porto
- Gave (2001). Resultados do Estudo Internacional – PISA 2000. Lisboa: Ministério da Educação.
- Gomes, José A. (1996). *Da nascente à voz – Contributos para uma Pedagogia da leitura*. Lisboa: Editorial Caminho.
- IFLA/UNESCO (2000). *Manifesto da biblioteca escolar*. Holanda: Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas. Consultado em 15/09/2010, disponível em http://www.espa.edu.pt/ExtraJoomla/RBE/Manifesto_Biblioteca_Escolar.pdf
- INE, I.P. (2010). *Homens e mulheres em Portugal – 2010*. Lisboa. Consultado em 16/09/2010, disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=87769374&PUBLICACOESstema=55466&PUBLICACOESmodo=2.
- Manzano, Mercedes G. (1985). *A criança e a leitura*. Porto: Porto Editora
- Marques, Ramiro. (2008). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler*. (10ª Edição) Porto: Texto Editora
- Mata, Lourdes (2004). “Era uma vez...” *Análise Psicológica*, 1 (XXII): 95-108
- Mata, Lourdes (2006). *Literacia Familiar – Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora
- Mata, Lourdes (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*, Lisboa: ME- DGIDC.
- Ministério da educação (1997) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*, Lisboa: ME. Departamento de Educação Básica. Núcleo de Educação Pré-Escolar.
- Nunes, Manuela Barreto (2003). O papel da biblioteca escolar na formação da comunidade educativa. In *Actas das Jornadas de Bibliotecas Escolares*, Trofa, org. da Câmara Municipal.
- Nunes, Manuela Barreto (2006). *Leitura e Literacias na Biblioteca Escolar e o problema do desenvolvimento das colecções*. Porto: Universidade Portucalense. Texto não publicado.
- O livro no Jardim de Infância (1999) *Malasartes*, 1: 25-26

- Pardal, Luís; Correia, Eugénia. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal.
- Pennac, D. (2002). *Como um Romance*, Porto: Asa Editores.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc V.(2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.
- Sabino, Maria Manuela (2008). Importância educacional da leitura e estratégias da sua promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*, 45/5: 1-11.
Consultado em 30/10/2009, disponível em <http://www.rieoei.org/jano/2398Sabino.pdf>.
- Santos, Elvira M. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes*, Coimbra: Quarteto Editora.
- Santos, Maria de Lourdes Lima, e tal (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: GEPE. Consultado em 16/09/2010, disponível em http://www.oei.es/fomentolectura/v_integral_1.pdf
- Sequeira, Fátima (2002). A Literacia em Leitura. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (2): 51-60, Braga: CIEd – Universidade do Minho.
- Silva, Lino Moreira (2000). *Bibliotecas Escolares: Um contributo para a sua Justificação, Organização e Dinamização*, Braga: Livraria Minho
- Solé, Isabel (1992) *Estratégias de Lectura*, Barcelona: Graó e Ice Universitat de Barcelona.
- Veiga, Isabel et al (1997). *Lançar a rede de bibliotecas escolares. Relatório Síntese*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Veloso, Rui; Riscado, Leonor (2002), *Literatura Infantil, brinquedo e segredo. Malasartes (Cadernos de literatura para a infância e a juventude)*, 10: 26-29.
- Viana, Fernanda Leopoldina P. (2002). *Melhor Falar para Melhor Ler – Um programa de desenvolvimento de competências linguísticas (4 – 6 anos)*. (2ª Edição) Braga: Centro de Estudos da Criança – U.M.
- Viana, Fernanda Leopoldina; Teixeira, Maria Margarida (2002). *Aprender a ler – da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições Asa.
- Vilelas, José (2009). *Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento*. Lisboa: Edições Sílabo.

ANEXOS

Anexo A: Instrumentos de recolha de dados

Inquérito por Questionário – Doc. 1

Exmo(a) Sr(a) Encarregado de Educação:

Tendo em vista a realização de um Projecto de intervenção subordinado ao título “**Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família**”, no âmbito de um Curso de Mestrado em Ciências da Educação, e especialização em Animação de Leitura, da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, solicito a sua colaboração para responder a este questionário.

As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

Com os melhores agradecimentos.

Manuela Sá Santos

Assinale com um x a resposta que melhor se adequa à sua situação.

A – Caracterização dos Inquiridos

1. Idade:

Pai/E.E.	Mãe/E.E

2. Habilitações Literárias:

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	4º ano	
	6º ano	
	9º ano	
	12ºano	
	Bacharelato	
	Licenciatura	
	Outros	

Quais? _____

3. Profissão:

Pai/E.E.	Mãe/E.E

4. O que prefere fazer nos seus tempos livres?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Ver Tv	
	Ler	
	Fazer Desporto	
	Estar com os amigos	
	Descansar	
	Estar com os meus filhos	
	Outros	

Quais? _____

B – Hábitos de Leitura

5. Gosta de ler?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

(se respondeu afirmativamente, responda à pergunta 5.1, por favor)

(se respondeu negativamente, responda à pergunta 5.2, por favor)

5.1. Quem o incentivou a ler?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Mãe	
	Pai	
	Outros Familiares	
	Professores	
	Amigos	
	Outras Pessoas	

Quais? _____

5.2. Razões para não ler livros:

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Não gosto de ler	
	É aborrecido	
	Falta de tempo	
	Prefiro outras actividades	
	Os amigos não lêem	
	Dificuldades económicas	
	É cansativo	
	Outros	

Quais? _____

6. Costuma ler?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

(se respondeu negativamente, passe à pergunta 9, por favor)

6.1 Que tipo de leitura faz?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Romance	
	Poesia	
	Conto	
	Ficção - Científica	
	Policiais	
	Banda Desenhada	
	Jornais Diários	
	Jornais Semanários	
	Jornais Desportivos	
	Revistas	
	Revistas Científicas	
	Outros	

Quais? _____

7. Actualmente está a ler algum livro?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Sim	
	Não	

(se respondeu negativamente, passe à pergunta 9, por favor)

8. Qual foi o último livro que leu?

Pai/ E.E. _____

Mãe/ E.E. _____

9. Que livros possui na sua casa?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Enciclopédia	
Dicionários	
Livros Técnicos	
Ficção - Científica	
Banda Desenhada	
Romances	
Poesia	
Contos	
Policiais	

10. Tem por hábito comprar livros?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

(se respondeu negativamente, passe à pergunta 11, por favor)

10.1 Os livros que compra são:

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Para si	
	Para o (s) seu (s) filho (s)	
	Para oferta	

11. No ano anterior quantos livros leu?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	0	
	De 1 a 2	
	De 3 a 5	
	De 6 a 10	
	Mais de 10	

12. Os seus pais costumavam ler-lhe livros?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

13. Tem por hábito ler livros para o(s) seu(s) filho(s)?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

14. Acha importante ler para o(s) seu(s) filho(s)?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Sim	
	Não	

15. O(s) seu(s) filho(s) pede(m)-lhe livros?

Pai/ E. E.		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

16. O que faz para promover o gosto pela leitura no(s) seu(s) filho(s)?

(nesta pergunta pode assinalar mais que uma resposta)

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Compro livros	
	Conto histórias	
	Leio livros com ele	
	Outros	

Quais? _____

17. Conhece o Plano Nacional de Leitura?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Sim	
	Não	

17.1. Como teve conhecimento do Plano Nacional de Leitura?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Meios de Comunicação	
	Professor/ Educador	
	Familiares	
	Amigos	
	Outros	

Quais? _____

18. Costuma frequentar a Biblioteca Pública com o(s) seu(s) filho(s)?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

18.1. Com que periodicidade?

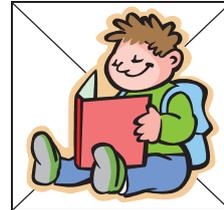
Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	1 vez por semana	
	1 vez por mês	
	1 vez por ano	
	Nunca	

18. 2. Costuma requisitar livros?

Pai/ E. E		Mãe / E. E.
	Frequentemente	
	Raramente	
	Nunca	

Inquérito por questionário destinado às crianças do Jardim de Infância – Doc 2

Gostas de ler livros?



Os pais contam-te histórias?



Quem é que te lê histórias?

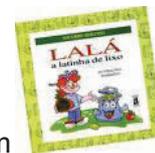


Tens muitos livros?

Poucos?



Só um



Compras livros com os teus pais?



Pedido de autorização aos Enc. de Educação para aplicação de questionário aos filhos – Doc. 3

Exmo(a) Sr(a) Encarregado de Educação:

Tendo em vista a realização de um Projecto de intervenção subordinado ao título “**Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família**”, no âmbito de um Curso de Mestrado em Ciências da Educação, e especialização em Animação de Leitura, da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, solicito a sua autorização para aplicar, ao seu filho, um questionário que incide fundamentalmente na sua relação com a leitura, hábitos de leitura e de que forma ele acede ao livro.

Este questionário é constituído apenas por perguntas fechadas e apoia-se essencialmente na imagem, para que a criança, que ainda não sabe ler, consiga apreender a mensagem.

As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

Agradecendo desde já a sua colaboração.

Com os melhores agradecimentos.

Manuela Sá Santos

Eu,------(nome do encarregado de educação)
autorizo que o meu filho/a _____
responda ao questionário acima descrito. Estou informado que os dados serão
submetidos a tratamento estatístico e mantido o anonimato.

-----/-----/-----

Assinatura

Questionário de Avaliação – Doc. 4

Exmo(a) Sr(a) Encarregado de Educação:

Tendo em vista a avaliação do Projecto de intervenção subordinado ao título “**Leitura Partilhada entre o Jardim de Infância e a Família**”, no âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação - Especialização em Animação de Leitura, da Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, solicito a sua colaboração para responder a este questionário.

As respostas serão submetidas a um tratamento estatístico, mantendo-se o anonimato.

Com os melhores agradecimentos.

Manuela Sá Santos

Assinale com um x a resposta que melhor se adequa à sua situação.

- 1. Considera que o projecto de Leitura veio incentivar no(a) seu (sua) filho(a), o gosto pelo livro e pela leitura?**

Sim	Não
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- 2. A possibilidade de requisitar livros na Biblioteca Escolar contribuiu para incentivar a prática de leitura familiar?**

Sim	Não
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se sim, em que medida? _____

- 3. O horário de requisições estabelecido era compatível com a vossa disponibilidade?**

Sim	Não
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

- 4. Considera que a frequência da Biblioteca escolar com o seu (sua) filho(a) poderá influenciar a sua formação como leitor?**

Sim	Não
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se sim, de que forma? _____

5. O(a) seu (sua) filho(a) pede-lhe que lhe leia histórias com mais frequência?

Sim	Não

6. Os hábitos de leitura familiar foram alterados?

Sim	Não

Se sim, em que aspectos? _____

7. As actividades desenvolvidas foram interessantes e motivadoras?

Sim	Não

Se sim, qual a que mais gostou? _____

8. Considera que o(a) seu (sua) filho(a) estabeleceu uma relação mais afectiva com a leitura?

Sim	Não

9. Na sua opinião a atitude do(a) seu (sua) filho(a) face à leitura foi alterada, na medida em que (pode assinalar mais do que uma opção):

A comunicação foi estimulada	
O vocabulário foi desenvolvido e enriquecido	
Aprendeu a identificar as personagens	
Sabe reconhecer diferentes autores de Literatura Infantil e as suas obras	
Exercitou a sua capacidade de memorização textual	
Compreende e reconta as histórias	
Passou a ler mais livros.	

Agradeço a sua colaboração

Anexo B: Imagens de materiais construídos ao longo do Projecto

Imagem 1 - Cartão de Requisição Familiar

BIBLIOTECA DA EB1/J1



Nome.....

Sala..... Ana.....

Professor.....

Família.....

Imagem 2- Placard dos Registos das Actividades de Leitura Partilhada

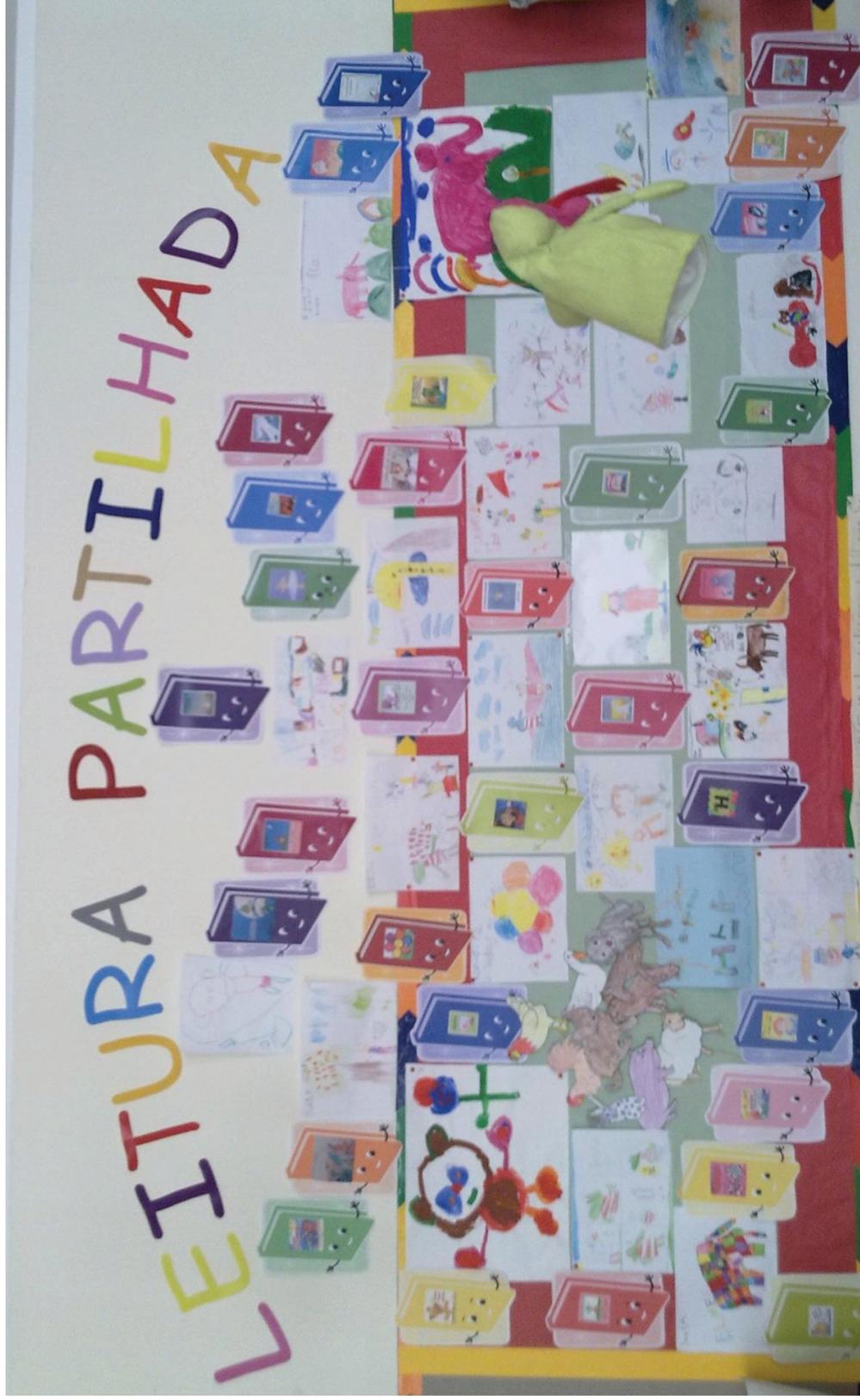


Imagem 3 - Registo dos sinónimos das palavras de uma história



Imagem 4 - Actividade de Escrita Criativa – Elefante Cor-de-rosa

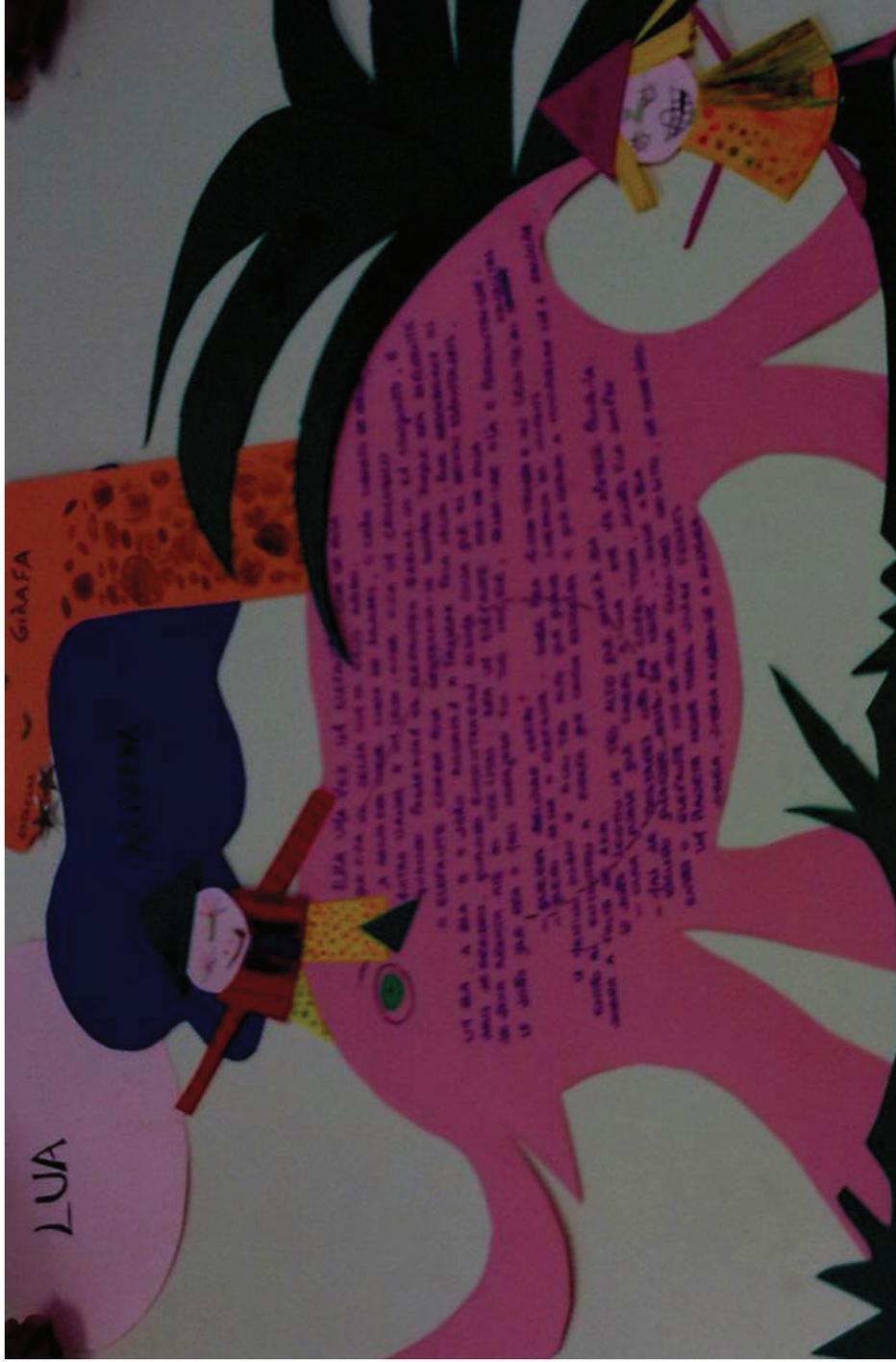


Imagem 5 - Actividade de Escrita Criativa – “Mala Misteriosa” - Participação dos Pais



Imagem 6 -Registro da Visita à Livraria Lello



Imagem 7 - Diploma de Participação no Projecto de Leitura Partilhada

LEITURA PARTILHADA

DIPLOMA DE PARTICIPAÇÃO

Certifica-se que a Família _____ participou no Projecto "Leitura Partilhada..."; desenvolvido no 9º da EB1/99, no ano lectivo 2009/2010.

Requisitou livros, partilhou histórias, viajou pelo reino da palavra e da fantasia, e criou laços afectivos com o livro.

Foram momentos de cumplicidade, de sonho e de "descoberta" do prazer de ler.

A Educadora

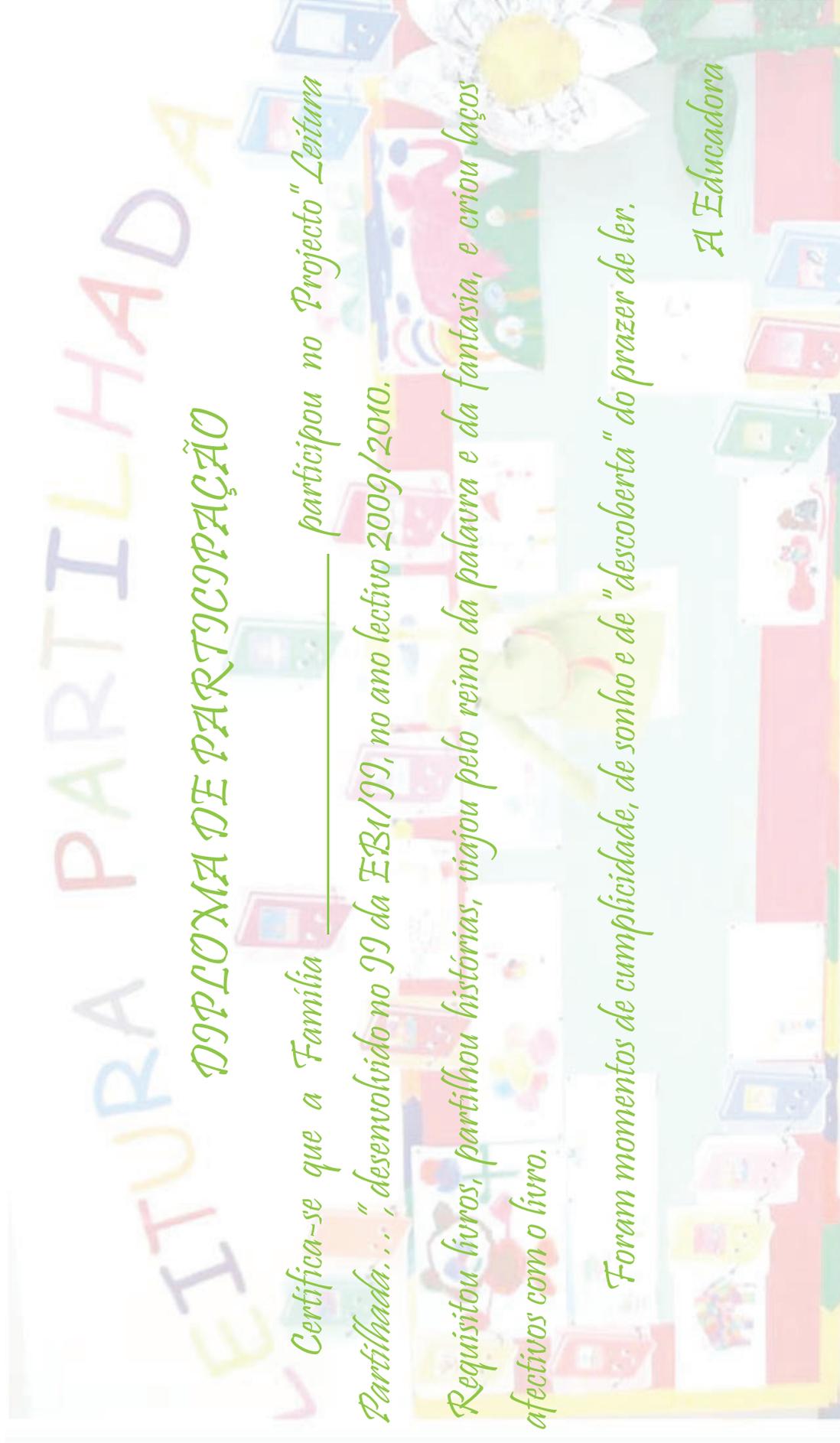


Imagem 8 - Marca livros

LEITURA PARTILHADA



O meu tesouro é um livro
De folhas gastas,
dobradas,
Onde ainda brilha o ouro
Das palavras
encantadas...

In "Limpa Palavras"
Álvaro Magalhães

LEITURA PARTILHADA



O meu tesouro é um livro
De folhas gastas,
dobradas,
Onde ainda brilha o ouro
Das palavras
encantadas...

In "Limpa Palavras"
Álvaro Magalhães

LEITURA PARTILHADA



O meu tesouro é um livro
De folhas gastas,
dobradas,
Onde ainda brilha o ouro
Das palavras encantadas...

In "Limpa Palavras"
Álvaro Magalhães

LEITURA PARTILHADA



O meu tesouro é um livro
De folhas gastas,
dobradas,
Onde ainda brilha o ouro
Das palavras encantadas...

In "Limpa Palavras"
Álvaro Magalhães

LEITURA PARTILHADA



O meu tesouro é um livro
De folhas gastas, dobradas,
Onde ainda brilha o ouro
Das palavras encantadas...

In "Limpa Palavras"
Álvaro Magalhães